

O BESTSELLER MAIS EMPOLGANTE
DA VENCEDORA DO PRÊMIO
MELHOR ROMANCE ERÓTICO 2014

A escritora
sensual que
destronou
E L James e
Sylvia Day

Ama-me

Para lá da paixão
reside a obsessão

Romance

J. Kenner



TOPSELLER

O medo arranca-me a um sono profundo, e eu sento-me muito direita num quarto mergulhado na penumbra, com a luz fosca e verde de um despertador digital a anunciar que só passa um pouco da meia-noite. Tenho a respiração irregular e os olhos arregalados, mas cegos. O último resquício de um pesadelo já esquecido roça em mim como a bainha esfarrapada do manto de um espectro, suficientemente potente para me infundir terror, e todavia tão insubstancial que se evapora como orvalho quando tento agarrá-lo.

Não sei o que me assustou. Tudo o que sei é que estou sozinha e que tenho medo.

Sozinha?

Depressa me volto na cama, esticando o corpo para tatear o lado direito. Porém, ainda antes de os meus dedos sentirem os lençóis caros e frios, sei que ele não se encontra ali.

Posso ter adormecido nos braços do Damien, mas, mais uma vez, acordei sozinha.

Pelo menos já sei qual a fonte do pesadelo. É o medo que tenho enfrentado todos os dias, todas as noites, ao longo de semanas. O medo que tento ocultar atrás de um sorriso falso, sentada ao lado do Damien dia após dia enquanto os seus advogados revêm todos os pormenores meticulosos da defesa dele. Enquanto lhe explicam os mais ínfimos detalhes de um julgamento de homicídio num

tribunal alemão. Enquanto praticamente lhe imploram que traga à luz os pontos negros da sua infância porque sabem, tal como eu, que nesses segredos se encontra a sua salvação.

Contudo, o Damien mantém-se obstinadamente calado, e eu sou deixada a haver-me com este medo insidioso de que irei perdê-lo. De que me será tirado.

E não é apenas medo. Também tenho de combater a noção maldita, esmagadora e aterrorizadora de que nada posso fazer. Nada exceto esperar, assistir e ter esperança.

Mas a espera não me agrada e nunca depus fé na esperança. É parente do destino, e são ambos demasiado voláteis para o meu gosto. Aquilo por que anseio é a ação, só que o único que pode agir é o Damien, que se tem recusado em absoluto a fazê-lo.

E isso, parece-me, é o pior golpe de todos. Porque, embora eu entenda o motivo do seu silêncio, não consigo abafar a centelha egoísta de raiva. Pois, no cerne de tudo isto, o Damien não está só a sacrificar-se. Também me sacrifica. Raios, sacrifica-nos *a nós*.

O tempo está a esgotar-se. O julgamento vai começar daqui a poucas horas, e, a menos que ele mude de ideias quanto à sua defesa, é muito provável que eu vá perder este homem.

Fecho os olhos com força, contendo as lágrimas. Posso obrigar o medo a recuar, mas a minha raiva assemelha-se a um ser vivo, e receio que vá explodir, por mais que tente refreá-la. Na verdade, receio que suprimi-la só faça a explosão final ser ainda mais brutal.

Quando a acusação foi feita, o Damien tentou afastar-me, pois julgava que assim me protegia. Mas estava tremendamente enganado — e voei até à Alemanha para lho dizer. Já cá estou há mais de três semanas, não houve um único dia em que me tenha arrependido de vir e também não duvido do que me disse quando cheguei à sua porta: ele ama-me.

Contudo, sabê-lo não diminui a sensação de agouro que tem vindo a crescer no meu âmago. Uma trepidação que se torna especialmente potente à noite, quando acordo sozinha e sei que se refugiou na solidão e no uísque, enquanto eu o queria nos meus

braços. Ele ama-me, sim. Mas, ao mesmo tempo, receio que ele esteja outra vez a afastar-me. Não com grandes gestos, mas a pouco e pouco.

Bem, que se dane.

Liberto-me do conforto fresco da nossa cama e levanto-me. Estou nua e debruço-me para recuperar o robe branco e luxuoso fornecido pelo Hotel Kempinski. O Damien fê-lo deslizar-me dos ombros depois de tomarmos duche à noite, e deixei-o ficar onde caiu, formando um monte suave de algodão ao lado da cama.

Já o cinto é outra coisa, e tenho de o procurar entre os lençóis amarrotados. O sexo com o Damien é sempre intenso mas, à medida que o julgamento se aproxima, tem-se tornado mais selvagem, mais potente, como se, controlando-me, ele conseguisse também controlar o resultado.

Esfrego os pulsos, distraída. Não têm marcas, mas é só porque o Damien é cuidadoso. Não posso dizer o mesmo a respeito do meu traseiro, que ainda me arde com a sensação da sua mão contra a minha pele. Agrada-me: tanto o ardor que perdura quanto saber que ele precisa da minha submissão, tal como eu preciso de me oferecer a ele.

Encontro o cinto quase aos pés da cama. À noite, prendeu-me os pulsos atrás das costas. Agora, passo-o à volta da cintura e amarro-o com força, adorando o conforto luxuoso depois de acordar de maneira tão violenta. O próprio quarto é igualmente tranquilizador, com cada pormenor pensado à perfeição. Todas as madeiras polidas, todos os adornos e acrescentos artísticos dispostos com a maior das atenções. Neste momento, porém, ignoro os encantos do quarto. Só quero encontrar o Damien.

O quarto tem passagem para uma enorme área de vestir e uma casa de banho impressionante. Espreito as duas divisões, ainda que não espere encontrá-lo lá, e depois sigo para a sala de estar. O espaço é grande e também bem decorado, com cadeirões confortáveis e uma mesa redonda que agora está coberta de resmas de papéis e pastas, as quais representam tanto o negócio que

o Damien continua a gerir, apesar de o mundo ir ruindo à nossa volta, quanto os vários documentos legais que o seu advogado, Charles Maynard, lhe indicou que analisasse.

Deixo o robe cair e troco-o pelo vestido justo cujo padrão forma uma ilusão ótica impressionante; o Damien atirou-o descontraidamente para o braço de um cadeirão depois de mo despir à noite. Passámos umas quantas horas a fugir à realidade, a fazer compras na famosa Maximilianstrasse de Munique, e comprei tantos sapatos e vestidos que poderia abrir uma loja de roupa.

Passo os dedos pelo cabelo enquanto atravesso a sala até ao telefone junto ao bar. Obrigo-me a não ir à casa de banho para verificar e retocar a maquilhagem que decerto já me saiu do rosto. Trata-se de um desafio maior do que possa parecer; o mantra de que uma senhora não sai de cara lavada foi-me martelado nos ouvidos desde que nasci. Porém, com o Damien a meu lado, tenho abandonado muitas das atribulações de juventude e, neste momento, interessa-me mais encontrá-lo do que voltar a aplicar o batom.

Pego no auscultador e marco o zero. Quase de imediato, atende uma voz com sotaque.

— Boa noite, Menina Fairchild.

— Ele está no bar? — Não preciso de explicar quem é *ele*.

— Está, sim. Deseja que leve um telefone até à mesa dele?

— Não, não vale a pena. Vou descer.

— *Sehr gut*. Posso ser-lhe útil de mais alguma forma?

— Não, obrigada. — Estou prestes a desligar quando me dou conta de que, afinal, pode. — Espere! — Apanho-o antes que desligue e peço-lhe ajuda para o meu plano de distrair o Damien dos seus demónios.

Apesar da idade do edifício e da elegância do interior, o hotel ostenta um ambiente moderno, e já me sinto em casa entre estas paredes. Com impaciência, espero o elevador; e é com uma impaciência ainda maior que desço na cabina. A descida parece demorar uma eternidade, e, quando as portas por fim se abrem e

revelam o átrio opulento, encaminho-me diretamente para o bar de decoração britânica.

Apesar de ser domingo, o Jahreszeiten Bar está cheio. Junto ao piano, uma mulher canta numa voz suave para o público. Mal lhe presto atenção. Não julgo que o Damien se encontre entre os espetadores.

Em vez disso, avanço pelo interior de madeira e couro vermelho, a acenar com a mão para dispensar um empregado que quer indicar-me um lugar. Faço uma pequena pausa, ao lado de uma loura que terá mais ou menos a mesma idade que eu e está a beber champanhe e a rir-se com um homem que poderia ser pai dela, mas que aposto não ser.

Viro-me lentamente, a observar a sala à minha volta. O Damien não faz parte do grupo em redor do piano, nem está sentado ao balcão. E também não ocupa nenhuma das cadeiras de couro vermelho que foram espalhadas a intervalos regulares à volta das mesas.

Começo a recear que ele talvez estivesse prestes a ir-se embora enquanto eu vinha para cá. Depois dou um passo à esquerda e apercebo-me de que aquilo que eu julgava ser uma parede sólida não passava de uma ilusão ótica, criada por um pilar. Agora já vejo o resto da sala, incluindo as chamas que ardem na lareira instalada na parede em frente. Há um pequeno sofá de dois lugares e duas cadeiras a circundar a lareira. E, sim, ali está o Damien.

Expiro de imediato, com um alívio tão intenso que quase me sirvo do ombro da loura para me amparar. O Damien está sentado numa das cadeiras, de costas voltadas para a sala e de frente para as chamas. Os seus ombros largos e direitos são mais do que capazes de suportar o peso do mundo. Eu gostava, no entanto, que não tivessem de o fazer.

Avanço na sua direção, com o som da minha aproximação camuflado tanto pela alcatifa espessa quanto pelo barulho das conversas. Paro uns metros atrás dele, já a sentir a atração que experiencio sempre que me encontro perto do Damien. Agora a cantora

interpreta *Since I Fell For You*, numa voz límpida que atravessa a sala. É uma voz tão triste que receio que desencadeie uma torrente de lágrimas, auxiliada por todo o stress das últimas semanas.

Não. Estou aqui para reconfortar o Damien, não o contrário, pelo que continuo a aproximar-me dele com uma determinação renovada. Quando finalmente o alcanço, pouso-lhe uma mão no ombro e debruço-me, com os lábios junto à sua orelha.

— É uma festa privada, ou será que qualquer pessoa se pode juntar?

Mais do que ver, ouço-lhe o sorriso na resposta.

— Isso depende de quem pergunte.

Não se vira para mim, mas levanta o braço, ficando com a mão erguida num convite tácito. Eu aperto-lhe a mão, e ele guia-me delicadamente para que dê a volta à cadeira, até me ter à sua frente. Conheço todos os traços do rosto deste homem. Todos os ângulos, todas as curvas. Conheço-lhe os lábios, as expressões. Posso fechar os olhos e conceber os seus, escuros de desejo, brilhantes de riso. Só tenho de olhar para o seu cabelo da cor da meia-noite para imaginar as madeixas suaves e espessas entre os meus dedos. Nele nada existe que não me seja intimamente familiar, e, não obstante, cada olhar seu atinge-me como um choque, reverberando por mim com a força suficiente para me deixar de joelhos.

Em termos empíricos, ele é lindo. Todavia, não é só a sua aparência o que me avassala. É tudo. O poder, a confiança em si mesmo, a sensualidade profunda de que ele não conseguiria libertar-se, mesmo que tentasse.

— Damien — sussurro, porque já não aguento mais a espera pelo seu nome nos meus lábios.

Aquela boca larga e espetacular curva-se num sorriso lento. Ele puxa-me a mão, faz-me sentar ao colo. Tem as coxas firmes e atléticas, e eu instalo-me com avidez, mas não me encosto a ele. Quero estar suficientemente afastada para lhe ver a cara.

— Queres falar disso? — Sei qual será a sua resposta, mas sustenho a respiração, a rezar para estar enganada.

— Não — diz ele. — Quero só abraçar-te.

Sorrio, como se as suas palavras fossem docemente românticas, recusando-me a deixar que ele veja quanto me perturbam. Preciso do seu toque, sim. Mas preciso mais do homem.

Acaricio-lhe a face. Não se barbeia desde ontem, pelo que a sombra da barba me raspa a palma da mão. O choque da nossa ligação vibra ao percorrer-me, aperta-me o peito, altera-me a respiração. Chegará alguma vez o dia em que eu possa estar perto dele sem o desejar? Sem ansiar pelo toque da sua pele contra a minha?

Nem sequer se trata de um querer sexual: pelo menos não inteiramente. Em vez disso, é uma necessidade. Como se a minha própria sobrevivência dependesse dele. Como se fôssemos duas metades e nenhum de nós pudesse sobreviver sem o outro.

Com o Damien, sou mais feliz do que nunca. Mas, ao mesmo tempo, também nunca fui tão infeliz. Pois agora compreendo mesmo o que é ter medo.

Obrigo-me a sorrir, porque se há algo que não farei é permitir que o Damien veja quão aterrorizada estou por poder perdê-lo. Mas não faz diferença; ele conhece-me demasiado bem.

— Estás assustada — diz ele, e a tristeza que lhe matiza a voz basta para me derreter. — És a única pessoa no mundo inteiro que eu não suportaria magoar e, apesar disso, fui eu quem te pôs esse medo no olhar.

— Não — nego. — Não estou nada assustada.

— Mentirosa — acusa-me ele num tom delicado.

— Esqueces-te de que já te vi em ação, Damien Stark. És um portento da natureza, caramba. Eles não podem conter-te. Talvez não o saibam ainda, mas eu sei. Vais livrar-te disto. Vais para casa como um homem livre. Isto não pode ter outro fim. — Digo estas palavras porque preciso de acreditar nelas. Mas ele tem razão. Sinto um medo desesperado.

O Damien, como é óbvio, percebe o meu *bluff*. Com ternura, prende-me uma madeixa atrás da orelha.

— É natural que tenhas medo. Este é o género de caso pelo qual os procuradores públicos se pelam.

— Mas tu só tinhas 14 anos — digo.

— Motivo pelo qual não me vão julgar como adulto.

Franzo o sobrolho porque, apesar de só ter 14 anos naquela altura, enfrenta agora a possibilidade de passar uma década na prisão.

— Mas tu não mataste o Merle Richter. — Esta, afinal, é a questão mais importante.

A sua expressão obscurece-se.

— A verdade é uma coisa maleável e, assim que eu entrar naquele tribunal, será o que for decretado.

— Então, tens de garantir que os juízes ficam a saber a verdade a sério. Raios partam, Damien, não o mataste. Mesmo que o tivesses feito, havia atenuantes.

Só há pouco tempo o Damien me contou o que aconteceu. Ele e o Richter lutaram e, quando o Richter caiu, o Damien recuou, recusando-se a ajudar o treinador que abusara dele durante tantos anos.

— Oh, Nikki. — Puxa-me para si, com o braço a envolver-me a cintura e a mudar-me de posição tão depressa no seu colo que solto uma exclamação. — Sabes que não posso fazer o que me pedes.

— Não estou a pedir nada — replico, mas as palavras soam a falso, pois é claro que estou a pedir. Caramba, estou a implorar. O Damien sabe-o muito bem. E, mesmo assim, nega-mo.

A raiva inflama-se dentro de mim, mas, antes que expluda, a boca dele abate-se sobre a minha. O beijo é profundo e cru e consome tudo, desabrochando em mim um desejo quente. Não me apaga a raiva ou o medo, mas acalma-os, e aproximo-me mais dele, desejando nunca ter de abandonar a segurança dos seus braços.

O corpo dele retesa-se sob o meu, o volume da sua ereção dentro das calças de ganga provoca-me o traseiro enquanto me mexo

e debruço mais, a aprofundar o beijo com uma vontade de todo o tamanho de que estivéssemos na nossa suíte e não num bar muito público.

Passado um instante, recuo, esbaforida.

— Amo-te — digo-lhe.

— Eu sei — responde ele e, ainda que eu espere por palavras que reciproquem as minhas, ele não as diz.

O meu coração contorce-se um pouco, e obrigo-me a sorrir. Um sorriso do género Tudo o Que Quero É Paz no Mundo, como fazia nos concursos de beleza. Do género que mostro ao público, mas não ao Damien.

Tento convencer-me de que ele está apenas cansado, mas não acredito nisso. O Damien Stark nada faz sem um propósito. E, apesar de ser impossível entrar verdadeiramente na sua mente, conheço-o o quanto baste para lhe adivinhar os motivos, pelo que tenho vontade de me pôr de pé num pulo e desatar a gritar com ele. Quero implorar-lhe que não me distancie. Quero gritar que entendo que ele esteja a tentar proteger-me por saber que pode ser considerado culpado. Que pode ser-me arrancado. Mas, raios partam, não perceberá ele que com isso só me consegue magoar?

Acredito, de alma e coração, que o Damien me ama. O que temo é que o amor não baste. Não quando ele está decidido a afastar-me, numa tentativa desorientada de me proteger.

Por isso, não retalio. Não se trata de uma luta que eu possa vencer, mas posso entrar no jogo, à minha maneira.

Com maior determinação, aumento a voltagem do meu sorriso e deslizo do colo dele, estendendo-lhe a mão.

— Tem de estar no tribunal às 10, Sr. Stark. Acho que é melhor vir comigo.

Ele levanta-se, de expressão desconfiada.

— Estás a dizer-me que tenho de ir dormir?

— Não.

O seu olhar desliza pelo meu corpo, que estremece como se ele me tivesse tocado.

— Bom — diz ele, e essa simples palavra não só comporta todo um mundo de promessas como ainda me liberta do medo gelado que me invadira.

Permito que uma comissura dos meus lábios se arqueie num indício de sorriso.

— Também não é isso. Pelo menos, ainda não.

A confusão no seu rosto provoca-me um sorriso genuíno, mas ele não chega a ter a oportunidade de fazer perguntas, pois enquanto tanto aproximou-se o *concierge* do hotel.

— Está tudo a postos, Menina Fairchild.

O meu sorriso aumenta.

— Obrigada. Não poderia ter vindo em melhor altura.

Dou a mão ao homem muito confuso que amo e levo-o pelo átrio, seguindo o *concierge* até ao exterior do hotel. Ali, estacionado na rua ao lado de um arrumador estonteado, está um *Lamborghini* vermelho-cereja.

O Damien volta-se para mim.

— O que é isto?

— Um carro alugado. Achei que te faria bem divertires-te hoje à noite, e a A9 fica só a uns quilómetros daqui. Um automóvel veloz. Uma autoestrada alemã. Pareceu-me óbvio.

— Os rapazes e os seus brinquedos?

Falo num tom mais baixo para que o *concierge* não me ouça:

— Dado que já temos alguns brinquedos interessantes no quarto, achei que talvez te agradasse uma mudança de ritmo. — Encaminho-o para junto do arrumador, que segura a porta do lado do passageiro. — Segundo me consta, reage muito depressa, e sei que vais gostar de ter todo esse poder sob o teu controlo.

— Ai reage? — Ele mira-me de alto a baixo e, desta feita, a inspeção é ferosa. — Por acaso, é exatamente disso que gosto. — De reações rápidas. De poder. De controlo.

— Eu sei — confirmo, e deslizo para o assento do passageiro, revelando um pouco mais de coxa ao fazê-lo.

Logo depois, o Damien está ao volante a ligar o motor potente.

— Conduzir suficientemente depressa é quase como sexo — provoco-o. E depois, porque não consigo resistir, acrescento: — No mínimo, constitui uns preliminares excelentes.

— Nesse caso, Menina Fairchild — diz ele, com um sorriso arrapazado que faz com que tudo isto valha a pena —, sugiro que se segure bem.

Mesmo quase à meia-noite de um domingo, o trânsito parece transbordar das ruas estreitas de Munique. O motor do *Lamborghini* vibra e ronrona, com a potência excitada e nervosa, como se estivesse tão frustrado por não poder libertar-se e voar, tal como eu me sinto por ser incapaz de fazer com que tudo fique bem para o Damien.

Estou aninhada no assento de pele de gamo tingida de vermelho, com o corpo um pouco voltado para a esquerda, de forma a conseguir vê-lo. Apesar da lentidão do trânsito, que eu acharia exasperante, ele mostra-se calmo e com tudo absolutamente controlado. A sua mão repousa descontraída na manete das mudanças, com os dedos a descreverem uma curva ligeira. Inspiro devagar, imaginando o seu toque no meu joelho nu. Desde que o conheço que tenho fantasiado muito. Para ser sincera, não posso dizer que me importe.

A sua mão esquerda segura o volante, e, apesar da tempestade de merda em que agora vivemos, ele parece relaxado e confiante. Do lugar onde me encontro, vejo-o de perfil: aquele maxilar esculpido, os olhos profundos, a boca gloriosa agora curvada num mero indício de sorriso.

O rosto de barba por fazer e o cabelo com musse espalhada com os dedos combinam com a luz baixa no interior do carro, dando-lhe ar de rebelde perigoso. Confere, penso eu. O Damien

é tão amotinado como se possa imaginar. Vive a vida acatando regras que são apenas suas. É das qualidades de que mais gosto nele, e é por isso que se torna tão difícil saber que, caso se limitasse a entrar no jogo como um réu submisso, tudo poderia resolver-se pelo melhor.

Estamos parados num cruzamento, e agora o semáforo passa para verde. Ele acelera e de seguida muda de faixa com tanta rudeza que tenho de me agarrar à pega para não tombar para o lado. Ele vira-se para mim e, nos seus olhos, tudo o que vejo é puro prazer. Correspondo avidamente ao seu sorriso e, por um momento, nada no mundo poderá fazer-nos mal. Só existe liberdade e alegria; quem me dera que pudesse continuar assim. Que pudéssemos seguir pela estrada e nunca parar, só nós os dois, a voar para a eternidade.

Posso estar perdida nesta fantasia de me perder, mas o Damien existe por completo no momento presente. Vejo-lhe a tensão nos músculos, o poder e o controlo com que vai mudando as velocidades do carro, testando-lhe os limites ao instigar cada vez mais a potência do motor incrível, que libertará por fim para que detone na autoestrada.

Engulo em seco e mudo um pouco de posição. Pensava que estava a provocá-lo quando lhe disse que a volta podia ser como sexo. Ao que parece, enganei-me.

— Estás a sorrir — diz ele, sem se virar para mim.

— Pois estou — admito. — Porque tu estás contente.

— Estou contigo — responde ele. — Porque não haveria de estar contente?

— Continua a falar — digo-lhe. — A lisonja vai levar-te aonde queiras ir.

— Espero bem que sim.

A sua voz mal passa de um murmúrio, mas é mais do que o suficiente para que o meu corpo reaja. A minha pele aquece, e surgem-me na nuca gotas de transpiração, na base do cabelo. Sinto os seios carregados, como se precisassem do apoio das mãos

do Damien, e os meus mamilos entumecidos fazem pressão contra a seda do vestido justo.

O comentário dele poderá ter sido simples e direto, mas contém todo um mundo de significado. Afinal, ambos sabemos que não há lugar algum a que o Damien possa levar-me onde eu não esteja disposta a ir.

— Chegámos — diz ele, e sobressalto-me um pouco perante a estranha justaposição de tais palavras com os meus pensamentos. Recomponho-me, apercebendo-me depressa de que chegámos à A9. Ele acelera pela rampa de acesso, e a velocidade cola-me ao assento. Inspiro, revigorada pela velocidade e pelo homem ao meu lado. — Tens um plano? — pergunta-me, enquanto mete outra mudança.

Olho para o velocímetro e vejo que já se aproxima dos 175 quilómetros por hora.

— Um plano?

O seu sobrolho agita-se, nitidamente divertido.

— A ideia foi tua, recordas-te? Pensei que pudesses ter algo específico em mente.

— Não fiz planos — reconheço, enquanto descalço os sapatos e puxo os pés para o assento. — Nada mais, além de ir à deriva contigo.

— Esse plano agrada-me — diz ele. — E sei exatamente onde quero atracar. — Olha para mim de relance ao fazer o último comentário, com aquele delicioso brilho malandro no olhar que é tão exagerado que não consigo conter o riso.

— Tarado — chamo-lhe.

— Só por ti — replica.

Estou a abraçar os joelhos e, com a ponta do dedo, ele percorre-me a bracelete de tornozelo, feita de platina e esmeralda, que foi um presente seu, um lembrete material de que sou sua. Como se alguma vez pudesse esquecer-me disso.

A mão dele passa da bracelete para a parte de trás da minha coxa, num toque leve e sensual. Não é mais do que uma simples

carícia, mas a minha reação é, a todos os níveis, complicada. Laços retesados de calor disparam pelo meu corpo e instalam-se entre as minhas pernas, puxam-me os mamilos. Que simples é cair num padrão de toque e prazer, de necessidade e desejo. É como se eu vivesse num estado constante de fome e ele fosse a ambrosia mais doce.

Demasiado cedo, porém, a pressão desaparece, quando ele leva a mão ao rádio, percorrendo as estações até se decidir por uma música com uma forte batida tecno, que preenche o carro. Volta a mudar a velocidade, e o motor zumba enquanto o Damien se esquia ao mínimo tráfego com que se depara. Recosto-me e deixo que o ritmo lateje em mim enquanto observo este homem que me ama. Este homem que eu amo, também. Que me pertence por inteiro.

A ideia surge de forma inesperada, e dou por mim de sobrolho franzido, pois não corresponde à verdade. Se ele fosse de facto minha propriedade privada, meu e só meu, eu poderia tirá-lo daqui. Poderia salvá-lo. Poderia fazer todo este horror jurídico desaparecer.

Mas não posso, e essa verdade inescapável torna a insinuar-se sob a minha pele, transformando o meu anterior estado de espírito, descontraído e estonteado, em algo sombrio e agourento.

Viro-me para ir vendo pela janela a linha de árvores recortadas contra a noite, sombras estranhas a dançarem entre elas, provocadas pela iluminação dos nossos faróis. Estremeço, sinto-me alheada de uma visão tão funesta, como se fôssemos em direção a um submundo, mas nem isso nos salvará da triste força gravitacional da realidade.

Quero seguir viagem: quero ir para leste, onde o sol nascerá dentro de umas cinco horas. Quero levar este carro ao limite e nunca parar. Estamos numa bolha, agora, a salvo daquelas sombras escuras. Mas assim que pararmos... assim que voltarmos...

Não. Inspiro profundamente. Tenho de ser forte. Não por mim, mas pelo Damien.

— Devíamos voltar — digo, mas numa voz tão sumida que tenho a certeza de que, com a música que agora toca no carro, ele não pode ouvir-me. Estico a mão para o rádio e carrego no botão para o desligar, mergulhando-nos em silêncio.

O Damien olha para mim, e vejo a sua alegria dar lugar a preocupação quando os seus olhos fitam os meus.

— O que se passa?

— É melhor voltarmos. — Tento falar alto, mas a minha voz continua involuntariamente retraída, como se a minha própria vontade me combatesse, implorando-me em silêncio que o incite a fugir. — Precisas de descansar. — Obrigo-me a proferir as palavras, esforço a voz para que pareça natural. — Amanhã o dia vai ser muito exigente.

— Mais um motivo para continuarmos enquanto pudermos. Engulo, como se tivesse a garganta cheia de lágrimas.

— Damien.

Espero que ele diga palavras reconfortantes. Que me garanta que tudo vai correr bem. Em vez disso, limita-se a passar a mão pela minha face, gesto que me provoca ondas de choque por todo o corpo e volta a deixar-me com lágrimas nos olhos. Cerro os punhos e tento conter o acesso de choro que quase desponta. Não posso descontrolar-me. Não agora. Raios, nunca. Se o perder, então chorarei. E, até saber o desfecho, qualquer que seja, quero passar todos os segundos a estar simplesmente com ele.

Consigo esboçar um sorriso que é quase genuíno e viro-me para o Damien.

— Daqui a pouco. — Ele calca o acelerador, e o carro voa.

— Onde vamos?

— A um sítio que quero que vejas.

A minha expressão deve parecer mais confusa do que me dou conta, pois ele solta uma gargalhada leve.

— Não te preocupes. Não vamos fugir.

Faço uma careta. Quase desejo que fôssemos.

Ele mantém a mão esquerda no volante, mas pouisa a direita no meu joelho. O toque é mais possessivo do que sexual, como

se ele só precisasse de saber que estou presente. Inclino a cabeça para trás, dividida entre a vontade de aproveitar a sensação dos seus dedos na minha pele e a necessidade de me zangar com ele. De gritar e berrar. De implorar e rogar que se *defenda*, porra. Porque Damien Stark não é um homem que se encolha e seja chicoteado. Não é um homem que tolere perder.

Não é um homem que magoe a mulher que ama.

E, no entanto, está a fazer tudo isso.

Estes pensamentos violentos e perigosos revolteiam-se dentro de mim enquanto as últimas luzes da cidade desaparecem, deixando apenas os hectares de floresta que ladeiam a autoestrada. O motor é suave, impressionantemente silencioso, e estou cansada. Não apenas por ser tarde, mas por tudo o que tem vindo a fazer pressão sobre mim. Fecho os olhos e descontrolo, mas segundos depois torno a endireitar-me, sobressaltada, dando-me conta de que o carro está parado e o motor desligado.

— O que foi? — Sinto-me grogue, tenho a mente como que cheia de teias de aranha. — O que aconteceu?

— Fizeste uma bela sesta — diz o Damien.

Uma sesta? Franzo o sobrolho.

— Quanto tempo?

— Quase meia-hora.

Isso desperta-me por completo; bem direita no assento, olho em redor. Parece que estamos no parque de estacionamento de um restaurante rústico com bastantes lugares na esplanada. Agora está fechado, e as mesas de piquenique sem ninguém parecem mais sinistras do que acolhedoras.

— Onde estamos?

— Seehaus Kranzberger — responde ele. Devo ter um ar tão confuso como me sinto, pois ele sorri. — Costumava ser um dos sítios de que eu mais gostava nos arredores de Munique. Eu, o Alaine e a Sofia começámos a vir para cá assim que o Alaine teve idade para conduzir. Depois, eu vinha sozinho. Este sítio contém muitas memórias — acrescenta ele, com uma falha invulgar na voz.

— Mas está fechado — é o meu comentário estúpido.

— Não viemos para comer — replica ele. Sai do carro, dá a volta e abre-me a porta antes que eu tenha oportunidade de o fazer. Estende-me a mão para me ajudar, ao que eu me levanto elegantemente.

— Porque viemos?

— Anda comigo.

Observo-lhe o rosto, incapaz de lhe decifrar o estado de espírito. Ele segura-me a mão e leva-me por um pequeno caminho que serpenteia entre árvores grandes, copiosas, cujas folhas verdes parecem pretas e cinzentas ao luar. Não imagino onde poderemos estar a ir, mas então viramos, e arquejo. Há um lago diante de nós, a natureza a rodeá-lo, o luar a brilhar à superfície, e a orbe gigantesca da própria lua refletida de tal maneira que dá a impressão de que poderíamos mergulhar e apanhá-la.

— Que lindo — digo.

— Bem-vinda a Kranzberger See. Eu costumava passar horas aqui — conta-me ele. — Sentava-me na margem e escutava a água, os pássaros e o vento a soprar entre as árvores. Fechava os olhos e deixava-me levar. — Ele tem estado a olhar para o lago, mas agora vira-se para mim. — Queria mostrar-to — diz ele. O que ouço é: *Desculpa*.

Engulo em seco e assinto com a cabeça, avassalada.

— Obrigada.

Ele ergue as nossas mãos unidas e beija-me a palma ao de leve. O gesto é suave, doce e dolorosamente romântico, e eu não consigo deixar de desejar que pudéssemos ficar aqui, perdidos na luz matizada, escondidos na fantasia de estarmos completamente sós no mundo.

Um tremor percorre-me o corpo, e viro-lhe costas. Apaixonei-me tão depressa por este homem e morro de medo de o perder. Morro de medo de que todo o bem que descobrimos juntos apesar dos nossos passados merdosos nos vá ser arrancado. Pressiono os lábios um contra o outro para conter um grito angustiado, pois é

isso o que quero fazer neste instante: gritar e berrar até o Damien fazer o que quer que tenha de fazer para resolver isto e acabar com todo o horror.

Mas não grito. Em vez disso, mantenho-me firme como uma rocha, ciente de que o mais pequeno movimento poderia desestabilizar-me. Sinto-me louca, volátil e perigosa. E, neste momento, a última coisa de que qualquer um de nós precisa é de uma explosão.

— Nikki. — O meu nome é terno nos seus lábios, e ele solta-me a mão, movimentando-se para se colocar atrás de mim. Pousa as palmas das mãos nos meus ombros, e a pressão é quente e doce. Sinto o toque delicado dos seus lábios no alto da minha cabeça e o apertar suave dos seus dedos que me acariciam os braços, descobertos no vestido sem mangas. — Chateei-te naquela noite em casa da Evelyn, lembras-te? Deveria ter-te deixado chateada. Deveria ter-me afastado de ti sem nunca olhar para trás.

Tenho a boca seca, e o peito parece-me oprimido. Não quero ouvir estas palavras. Não quero sequer acreditar que haja uma parte dele, por mínima que seja, que possa preferir nunca ter estado comigo, mesmo que essa fantasia provenha de um desejo de me proteger.

— Não — digo eu. É a única palavra que me sai, e parece estrangulada, em carne viva.

Ele vira-me com delicadeza e encosta a palma da mão à minha face.

— Dá cabo de mim ver o medo nos teus olhos.

As suas palavras são suaves e calmas, mas atingem-me com a força de um pontapé no peito, pelo que respondo à letra, surpreendendo-nos a ambos ao perder o controlo e esbofetear-lhe a cara.

— Para com isso! — grito, com todo o autodomínio a explodir num turbilhão de emoções loucas. — Para, foda-se! Achas que isso é solução? Desejares que nunca tivéssemos estado juntos? Raios partam, Damien, estou tão apaixonada por ti que me dói,

e tu vais tentar *mimar-me*, porra? Não preciso de que me tranquilizes, preciso de que *faças* qualquer coisa. — Bato-lhe no peito com as palmas das mãos e protesto quando ele me agarra os pulsos e me imobiliza, apertando-me a ponto de me magoar a pele.

— Nikki.

A sua voz já não é tranquilizadora. É bruta e perigosa, e percebo que o pressionei demasiado, mas não me importa. A meu ver, não vou ser capaz de o pressionar o suficiente, pois tudo o que quero agora é parti-lo. Atravessar aquela maldita teimosia e meter-lhe na cabeça que a única maneira de se salvar — de nos salvar — é apresentar uma boa defesa.

— Eles vão meter-te numa jaula. — A minha voz é sucinta e precisa. — Meu Deus, Damien, como podes não estar apavorado? Eu estou tão assustada que mal consigo levantar-me da cama todos os dias!

Ele fita-me como se eu falasse grego.

— Não estar apavorado? — As suas palavras estão carregadas de uma fúria mal contida. Não sei se me é dirigida ou não, mas é suficientemente forte para o deixar a tremer. — É isso que julgas?

Dou um passo involuntário atrás, mas ele para-me, com as mãos a agarrarem-me pelos braços, os dedos a enterrarem-se-me na pele e a manterem-me no sítio.

— É mesmo isso que tu achas? Jesus Cristo, Nikki, morro de medo de ser levado para longe de ti. De não poder tocar-te. Beijar-te. Ouvir-te rir, olhar para ti. Estar contigo.

Estou tão hipnotizada pelas suas palavras que nem dei por ele ter estado a fazer-me recuar, pelo que agora me encontro encostada a uma árvore; sinto a casca áspera através do tecido fino do meu vestido. As suas mãos deslizam possessivamente pelos meus braços abaixo, sobem depois pelo meu tronco até me agarrarem nos seios com força. Ofego com o desejo que, quente e exigente, me atinge.

Ele aproxima-se mais, os lábios rasam na minha face.

— Suporto tudo, exceto a ideia de te perder. — A sua boca arde contra a minha orelha. Uma das mãos desliza para baixo e sobe pela minha coxa, a puxar o tecido fino ao subir. — Achas que não tenho medo? — sussurra ele, com a palma da mão sobre o meu sexo. Não estou a usar roupa interior, pelo que ele se insere facilmente em mim. Mordo o lábio inferior, grata por ele estar a amparar-me, pois todo o meu corpo me parece fogo líquido. — Estou mais aterrorizado do que alguma vez estive em toda a minha vida — confessa-me, e depois a sua boca abate-se sobre a minha, e os seus dedos dentro de mim movem-se devagar, acompanham o ritmo cada vez mais profundo do beijo. Durante um momento belo e abençoado, perco-me no seu beijo, nos seus braços. Esqueci-me de onde estamos e do motivo por que aqui estamos. Só há o Damien e o calor sensual e reconfortante do seu corpo encostado ao meu.

Depois estala algo dentro de mim, sobrepondo-se ao desejo e a esta necessidade desesperada que me deixou com a pulsação a latejar e o sexo a apertar-lhe os dedos. Com força nas palmas das mãos, empurro-lhe o peito e torno a afastá-lo.

— Como te atreves a ter medo? Maldito sejas, Damien, como te atreves a dizer que tens medo de me perder quando poderias fazer tudo isto desaparecer? Poderias pôr fim a isto. Poderias acabar com esta história e deixar-nos voltar para casa.

Ele fita-me, e há uma tristeza infinda no seu olhar.

— Oh, querida. Se eu pudesse tirar-te esse medo, tiraria.

— Se *pudesses*? — repito. — Podes, e sabes muito bem que podes, e eu estou possessa contigo por não fazeres nada por isso!

Estou a gritar com ele. Pareço uma harpia desalmada, coisa que detesto. Detesto-me. Mas, raios, neste momento também detesto o Damien.

Correm-me lágrimas pelo rosto, e sinto as pernas falharem-me. Começo a cair, e ele ampara-me, ajudando-me a ficar de joelhos. A ironia não me escapa; o Damien estará sempre a postos para me apoiar. Pelo menos era o que eu julgava. Agora já não sei e, pela primeira vez, sinto-me só nos braços dele.

— Tenho pensado nisso. — Nunca lhe ouvi a voz tão grave e baixa.

Estaco. Não sabia que a esperança poderia parecer tão fria e inerte, mas parece.

— Pensado no quê? — pergunto com cautela.

Ele hesita durante tanto tempo que começo a pensar que não vai responder. Quando fala, as palavras saem-lhe lentamente.

— Desejei-te durante tanto tempo — diz ele. — E, agora que te tenho, estou a arriscar tudo o que existe entre nós.

Sim, apetece-me gritar. *Sim!* Dou-me conta de que estou a enterrar as unhas na terra mole e húmida, pelo que me obrigo a descontrair e não tentar adivinhar as suas palavras seguintes. A não ficar com demasiadas esperanças.

— Não estou convencido de que revelar o que o Richter me fez seja a panaceia que tu, o Maynard e os outros julgam que é. Mas talvez deva experimentar. Se isso fizer com que retirem as acusações, talvez deva sacrificar a privacidade que passei toda a vida a esforçar-me por preservar.

Deteto a amargura na sua voz e quero aproximar-me dele e apertar-lhe a mão com força. Não o faço, porém. Permaneço absoluta e perfeitamente imóvel.

— Não há vergonha alguma em ser vítima, pois não? Logo, porque me há de fazer diferença que o mundo descubra as coisas sórdidas que ele me fez? Porque me há de importar que a comunicação social escreva acerca das noites sombrias no meu dormitório? Das coisas humilhantes que ele me obrigava a fazer? Coisas que nem sequer te contei... coisas que desejaria poder esquecer.

Ele fita os meus olhos, mas eu só vejo os contornos e os ângulos definidos do seu rosto.

— Se isso significa que posso ir ter contigo como um homem livre, não deveria eu querer bradar a história aos sete ventos? Não deveria querê-la escarrapachada em todo o lado? Na televisão, em *talk-shows*, na primeira página dos jornais? Não deveria querer tornar o meu inferno pessoal conhecimento geral de todo este maldito mundo?

Algo frio escorre pela minha face, e só então me apercebo de que estou a chorar.

— Não — sussurro, detestando a verdade mesmo enquanto a digo. Mas aqui está o cerne de quem é o Damien. Um homem que vive segundo o seu próprio código, e foi por esse seu âmago que me apaixonei. — Nem sequer por mim — afirmo. — Nem sequer para te manteres fora da prisão.

Fecho os olhos com força, ao que novas lágrimas caem das minhas pestanas.

Com a ponta do polegar, enxuga-me o rosto.

— Compreendes?

— Não — digo eu, mas quero dizer sim e, quando abro os olhos, percebo que ele o sabe. Aproxima-se mais de mim, e a respiração falha-me. Solução um pouco, sentindo o sabor das lágrimas enquanto a sua boca se acerca da minha. O beijo começa por ser suave, delicado e doce. Depois a sua mão segura-me na nuca enquanto a outra me contorna a cintura e me puxa para o seu colo.

O movimento surpreende-me, e ele aproveita-se disso, a sua boca torna-se mais forte, a sua língua encontra a minha, o seu beijo aprofunda-se e torna-se mais exigente. Entrelaço-lhe os dedos no cabelo sedoso e entrego-me à firmeza sensual da sua boca. À loucura do beijo. As nossas bocas a irem ao encontro uma da outra, os dentes a embaterem. De manhã terei a boca magoada, mas não resisto a este beijo que nos deixa aos dois em brasa.

Tenho a respiração ofegante quando ele finalmente se afasta. Sinto os lábios inchados, usados e espetaculares. Pergunto-me se alguma vez teria sido beijada, mesmo pelo Damien. E, neste instante, tudo o que quero é mais.

Inclino-me para ele numa exigência tácita, mas ele para-me com uma mão firme sob o meu queixo. Ali fico, numa posição esquisita, a olhar para os olhos dele.

— És tudo para mim, Nikki. Tens de saber isso. Tens de acreditar.

— Acredito — sussurro. Vejo o tremor que lhe percorre o corpo e depois a forma como os seus músculos se retesam quando ele me

puxa contra si e me mantém muito próxima. Derreto-me nos seus braços, estou tão apaixonada por este homem que quase me dói.

— És tudo para mim — repete ele. — Mas não posso ser verdadeiro para ti se não o for para mim.

— Eu sei — digo eu, com os lábios contra o algodão da sua camisa. — Eu entendo. — Inclino a cabeça para trás e fito-lhe os olhos. — Isso não faz com que doa menos.

— Então deixa-me tentar fazer-te sentir melhor. — Afasta-me do seu corpo e debruça-se para me beijar na comissura da boca. — É aqui que dói?

Abano a cabeça, com lágrimas nos olhos mas um pequeno sorriso a repuxar-me os lábios.

— Não? Então e aqui? — Os seus lábios perpassam-me o contorno do maxilar, e eu inspiro, derretida pela doçura do seu toque.

— Não — digo eu, e o meu sorriso já não é trémulo.

Desta feita, os seus lábios encontram a reentrância na base da minha garganta. Inclino a cabeça para trás, para que lhe seja mais fácil chegar lá, e sinto a pulsação desenfreada contra os seus lábios.

— Também não é aí — sussurro.

— Está complicado — comenta ele. — Como posso beijá-lo para que melhore se nem sequer o encontro?

— Continua a procurar — incito-o.

— Nunca hei de desistir — promete ele. Os seus lábios vão descendo, parando sobre o coração, que bate com toda a força no meu peito. — Não será aqui, certamente — diz ele, e continua enquanto eu me rio, até que o som é cortado por um grito agudo e sensual quando a sua boca se fecha de repente no meu peito.

— Damien!

Os braços dele nas minhas costas apoiam-me enquanto ele me suga através do tecido sedoso deste vestido ridiculamente caro. Os seus dentes rasam o meu mamilo sensível, e eu arqueio o corpo, perdida numa névoa desesperada de prazer.

— Aqui? — murmura ele, sem que os lábios cheguem a largar-me por completo.

— Sim — respondo. — Oh, meu Deus, sim.

— Não tenho assim tanta certeza — diz ele, a afastar a boca de mim. — É melhor continuar a procurar.

Desvia-me com cuidado e deita-me na relva macia, com uma perna de cada lado da minha cintura.

— Damien — murmuro. — O que estás...

Ele silencia-me com um dedo e debruça-se por cima de mim, de novo com a boca no meu peito. Gemo de prazer.

— Já te disse — explica-me. — Vou beijar-te para que fique melhor.

Desta vez a sua boca cerra-se sobre o meu seio esquerdo, e a mão agarra-me o direito. É como se o seu corpo fosse um cabo elétrico, a transmitir-me uma corrente em todos os pontos de contacto. Disparam faíscas da ponta dos seus dedos, atravessam-me o peito, rodopiam dentro de mim e fazem o meu corpo arquear-se com um desejo insaciável por mais.

Demasiado cedo, ele muda de posição, a sua boca abandona-me o peito e desce suavemente pelo meu corpo, e entre os seus lábios e a minha pele tudo o que há é esta camada fina de seda.

Tem a boca na minha barriga, os dentes a mordiscarem-me o umbigo. As suas mãos deslizaram pelo vestido abaixo, e ele agora está a arregaçá-lo. O tecido suave sobe sem resistência ao mesmo tempo que os lábios do Damien descem. Os seus beijos são leves como penas sobre a minha pele, pela elevação das minhas ancas e depois, delicada, docemente, pela minha púbis antes de continuar a descer, e mais ainda. Involuntariamente, as minhas costas arqueiam-se, e solto uma exclamação quando a sua língua me toca com ligeireza no clítoris antes de a sua boca se cerrar, quente e exigente, no meu sexo.

As suas mãos passam para as minhas coxas, os seus polegares roçam nas minhas cicatrizes antes de me acariciarem a pele suave entre as coxas. Afasta-me mais as pernas, alarga-me para si. Quero

mexer as ancas, contorcer-me do prazer que me dá o seu beijo, oh!, tão íntimo, mas ele segura-me, mantém-me exatamente como me quer. Levo a mão à boca e depois mordo a almofadinha na base do polegar enquanto vou virando a cabeça de um lado para o outro ao ritmo do prazer que cresce dentro de mim, à medida que a boca e a língua experientes do Damien aumentam o prazer doce, devagar, devagar, tão devagar que é doloroso.

E depois tudo explode, e eu arqueio-me mais, de boca aberta, mas o grito é silenciado pelo Damien, que subiu pelo meu corpo e agora me mantém no chão com o seu peso. A sua boca abate-se sobre a minha, e eu saboreio a minha própria excitação. Beijo-o profundamente, faminta, e protesto com um gemido quando ele se afasta. Faz pressão com as mãos na terra macia a meu lado ao levantar-se e fitar-me os olhos. O seu olhar contém ardor, mas depressa vai dando lugar a diversão.

— Melhor? — pergunta ele, com um sorriso presunçoso.

— Oh, sim — respondo, após o que me apoio nos cotovelos para me sentar.

— Não — diz ele. — Deita-te.

Arqueio uma sobancelha, divertida.

— Que exigente, Sr. Stark. O que quer ao certo de mim?

— Quero-te nua — diz ele, e a diversão desapareceu tão depressa como surgiu, substituída por desejo e calor, tão potentes que torno a ficar húmida.

— Oh!

Devagar, ele levanta-me a bainha do vestido. Não protesto. Limito-me a mexer o corpo para que ele possa fazer a peça subir até me despir. Atira o vestido para o lado e depois arranca a t-shirt branca antes de os seus dedos irem para os botões das suas calças de ganga.

— Vou foder-te, Nikki. Aqui mesmo, na terra quente, a céu aberto. Vou reclamar-te para mim com o universo inteiro a olhar para nós porque tu és minha e vais ser minha para sempre, independentemente do que nos aconteça a partir de agora.

— Sim — digo eu, ainda que as suas perguntas não constituam uma pergunta, mas uma exigência. — Oh, sim.

As suas mãos percorrem-me, os seus olhos estão plenos de adoração. Sempre soube que sou bonita mas, quando o Damien olha para mim, sinto-me mais do que bela. Sinto-me especial.

Levanto a mão, acaricio-lhe o rosto e observo a paixão que lhe cresce no olhar. Passo-lhe os dedos pelo cabelo, agarro-o pela nuca e puxo-lhe os lábios para os meus. O nosso beijo é faminto e selvagem, como as árvores e os arbustos à nossa volta. Puxo-o mais para mim, incapaz de me saciar dele. As suas mãos aflagam-me, acariciam-me os lados, os seios, deslizam entre as minhas pernas. O gemido que emite ao encontrar-me molhada e pronta parece reverberar dentro de mim.

Ele interrompe o beijo e, com uma mão, posiciona-se por cima de mim.

— Agora.

Não espera pela minha resposta, mas as minhas pernas já se abriram, querendo-o, e levanto as ancas para o receber quando investe dentro de mim. Grito, não de dor, mas por tudo isto estar tão certo. É assim que deve ser, eu e o Damien unidos. Eu e o Damien, juntos contra o resto do mundo.

Movemo-nos em conjunto, loucos e frenéticos e, quando o orgasmo explode em mim, apercebo-me de que tenho o rosto raiado de lágrimas.

— Querida — sussurra ele, puxando-me para si.

— Não, não — digo-lhe. — É só que é demasiado para ser contido.

— Eu sei — diz ele, e abraça-me com mais força. — Querida, eu sei.

Não sei quanto tempo ficamos assim. Tudo o que sei é que não quero voltar a mexer-me. Demasiado cedo, porém, o Damien passa uma mão pelo meu braço nu e depois beija-me o lóbulo da orelha.

— Estás pronta para voltar?

Não estou, como é óbvio. Nunca estarei. Mas sei que o Damien precisa da minha força, tanto quanto eu preciso da sua. E, por isso,

limito-me a assentir com a cabeça e a agarrar no vestido antes de me levantar. Estendo-lhe uma mão.

— Estou pronta — digo-lhe. — Vamos.

Vezes sem conta, a sonhar, caio pela lateral do edifício, caio, caio, caio. O Damien tenta apanhar-me, o seu rosto frenético quando lança o braço em frente, a querer segurar-me. Mas é em vão. Está aprisionado lá em cima, e eu sou puxada sem apelo nem agravo para o solo duro e frio onde me vou estilhaçar, quebrada num milhão de peças, rezando por que o Damien as junte e volte a tornar-me inteira, mas sabendo que não o fará. Que não poderá fazê-lo. Pois foi ele quem me empurrou lá de cima.

Acordo aos gritos, agarrada ao Damien, com os braços à sua volta. Nem a batida constante do coração dele, nem as suas palavras suaves podem acalmar-me, pois já não distingo o pesadelo da realidade.

Tudo o que quero é que isto termine mas, quando saímos do átrio do Kempinski duas horas depois — contra os *flashes* das câmaras e as perguntas gritadas pelos jornalistas acerca do julgamento que hoje começa —, arrependo-me desse desejo. Receio que, ao desejar que isto terminasse, tenha desejado a minha própria destruição. Então, ao invés, quero que prossiga esta estúpida audiência prévia. Quero permanecer no casulo da segurança do hotel, se é isso o necessário para evitar a realidade.

A partir do momento em que nos conhecemos, foi como se uma bolha mágica nos rodeasse. No entanto, o mundo real começou a intrometer-se. A minha mãe, que voou até Los Angeles como

um tufão e destruiu a vida frágil que eu estava finalmente a construir para mim. Os *paparazzi*, que quase me arrasaram depois de se terem inteirado de que posei nua por 1 milhão de dólares. E agora este julgamento, que se prepara para devastar tudo o que eu e o Damien conseguimos criar juntos.

Não tenho a menor intenção de o abandonar e acredito que ele não tenha intenção de me deixar. Contudo, não consigo livrar-me do medo de que, apesar do que nós queremos, o destino tenha outros planos. O Damien poderá ser o homem mais forte que conheço, mas será capaz de combater o mundo inteiro?

A viagem de carro é muito curta, e não tardamos a chegar ao Centro de Justiça Criminal, que alberga o Tribunal Distrital de Munique, onde o julgamento terá lugar. O edifício é moderno, de linhas retas, pedra branca e vidro. Faz-me lembrar tanto o tribunal federal de Los Angeles quanto o Pavilhão Dorothy Chandler. Tendo em conta o espetáculo prestes a estrear, suponho que seja apropriado.

Ao longo dos últimos dias, tenho vindo cá várias vezes, participando em reuniões entre os advogados. Nessas ocasiões, porém, não tremi. Hoje não consigo parar de tritar. Um tremor nos próprios ossos, como se estivesse demasiado fria. Como se nunca mais pudesse voltar a aquecer.

Inspiro profundamente e aproximo-me da porta aberta que o motorista segura. No entanto, sou travada pela mão do Damien sobre a minha.

— Espera — diz ele, em voz baixa. — Toma.

Despe o casaco e põe-no em cima dos meus ombros.

Fecho os olhos — só por um momento. Só o suficiente para me maldizer. Porque, maldita seja, o Damien não deveria estar a cuidar de mim. Deveria ser eu a apoiá-lo, pelo que me viro na limusina, puxo-o para mim e dou-lhe um beijo rápido e firme nos lábios.

— Amo-te — sussurro, e espero que a palavra simples diga tudo o que eu não estou a dizer.

Os seus olhos fixam-se nos meus.

— Eu sei — responde. — Agora veste o casaco.

Aceno com a cabeça, compreendo a mensagem tácita: aconteça o que acontecer, ele nunca deixará de cuidar de mim. Não posso contrariá-lo quanto a isso; afinal, sinto o mesmo.

Saio do carro e, de pé na rua, uso o meu sorriso da Nikki Pública, pois ficamos rodeados de repórteres que representam toda a Europa, os Estados Unidos e até a Ásia. Tenho experiência suficiente para ocultar as emoções, pelo que estou certa de que pareço calma e confiante. Não estou nada disso. Estou aterrorizada. E, pela forma como o Damien me agarra a mão, sei que se apercebe disso. Quem me dera conseguir ser mais forte, mas é impossível, pelo que terei simplesmente de aceitar esse facto. Até isto acabar — de uma maneira ou de outra — vou andar no fio da navalha. Só espero que, no final, possa deixar-me cair nos braços do Damien, em vez de cair na outra direção, onde só me espera a solidão de um abismo.

— Herr Stark! Frau Fairchild! Nikki! Damien!

As vozes cercam-nos, umas em inglês, outras em alemão, outras ainda em francês. Há outras línguas presentes que não reconheço.

Desde que cheguei a Munique que a comunicação social não nos larga. E não apenas por causa do julgamento. Não, os tabloides também se mostram sedentos por analisar a vida amorosa do Damien. Por sorte, não arengam sem cessar acerca do meu retrato ou do dinheiro que o Damien me pagou por ele. Mas escavam alegremente as suas morgues e publicam fotografias com a correnteza de mulheres que ele passeou de braço dado. Supermodelos. Atrizes. Herdeiras. Ele mesmo contou-me que costumava ir para a cama com uma data de mulheres. E disse-me que nenhuma delas era especial. Para ele, só eu importo.

Eu acredito mas, ainda assim, não me agrada ver aquelas fotos nos quiosques, na televisão e na Internet.

Agora, no entanto, ficaria muito satisfeita se o interesse da comunicação social se centrasse tão-só em com quem o Damien vai para a cama. Mas hoje não é esse o fulcro da atenção dos jornalistas. Hoje, querem sangue e têm planos para falar de homicídio.

Só quando atravessamos o limiar do edifício para entrarmos é que me dou conta de que me esqueci de respirar. Olho de relance para o Damien e lá consigo oferecer-lhe um sorriso ténue. Ele abana a cabeça.

— Se pudesse ter-te deixado no hotel, era o que teria feito.

— Eu preferiria morrer a não estar aqui contigo. — Infelizmente, penso, estar aqui pode ser quase o suficiente para me matar.

Os corredores fervilham de advogados e pessoal jurídico, todos a seguirem com a maior das eficiências seja lá para onde vão. Mal dou por eles. Para ser sincera, mal dou pelo que quer que seja e é com alguma surpresa que recebo a mala que o guarda fardado me devolve, fazendo-me entender que acabámos de passar pelo controlo de segurança.

Um homem de ar sofisticado, a meio dos 50 anos e com cabelo grisalho, apressa-se na nossa direção. Trata-se de Charles Maynard, o advogado que representa o Damien desde que este surgiu no mundo do ténis como um prodígio de 9 anos. Estende-lhe a mão enquanto o seu olhar se foca em mim.

— Olá, Nikki. O meu pessoal vai ficar na fileira imediatamente atrás do banco das testemunhas. Também pode sentar-se aí, como é óbvio.

Assinto com a cabeça. Se não posso estar ao lado do Damien, ao menos ficarei por perto.

— Devíamos conversar antes de isto começar — continua ele, dirigindo as palavras ao Damien. — Olha para mim de relance. — Dá-nos licença?

Tenho vontade de gritar em protesto, mas, em vez disso, aceno com a cabeça. Não tento falar, tal é o meu receio de que a voz me saia tremida e me denuncie.

O Damien estende a mão e aperta a minha.

— Vai entrando — diz ele. — Já nos vemos.

Mais uma vez, aceno com a cabeça para demonstrar o meu consentimento, mas não me mexo. Em vez disso, permaneço, apática, no corredor, enquanto o Maynard se afasta uns quantos metros

com o Damien e passa pelas portas da pequena sala de reuniões que eu sei que foi atribuída à sua equipa durante o julgamento. Ali fico durante mais uns instantes, sem querer atravessar as pesadas portas de madeira por onde se entra na sala de tribunal. Se calhar, se eu não entrar, o processo não poderá começar.

Ainda aqui estou a maldizer a minha própria tolice quando me parece ouvir o meu nome algures atrás de mim, abafado pelo som da multidão que enche este átrio largo e ressonante. Ao princípio, julgo ser um dos repórteres a tentar chamar-me a atenção. Mas há algo de familiar naquela voz. Franzo o sobrolho, pois decerto não será...

Mas é. O Ollie.

Vejo-o assim que me viro. Orlando McKee, o rapaz com quem cresci e que sempre foi um dos meus melhores amigos. O homem que me tem avisado vezes sem conta de que o Damien é um perigo para mim.

O homem que, segundo o Damien, estará apaixonado por mim.

Em tempos, eu teria corrido ao seu encontro, atirando os braços à volta dele e desabafando todos os meus medos. Agora nem sequer tenho a certeza do que sinto ao vê-lo aqui.

Permaneço imóvel enquanto ele se apressa na minha direção. Chega esbaforido, de mão estendida. Deixa-a cair devagar ao dar-se conta de que eu não estendi a minha.

— Não sabia que ias estar aqui — comento num tom neutro.

— Tentei apanhar-te no Kempinski hoje de manhã — diz ele —, mas já tinhas saído.

— Tenho telemóvel — replico.

Ele acena com a cabeça.

— Eu sei. Deveria ter-te ligado. Foi uma coisa à última hora. O Maynard soube que estudei com um dos advogados assistentes do procurador e quis-me cá.

— Fizeram a faculdade juntos? — Não percebo por que um advogado alemão frequentaria uma faculdade de Direito nos Estados Unidos.

Ele abana a cabeça.

— Só o 1.º ano. O mundo é pequeno, não é?

— O Damien sabe que vieste? — A minha voz é fria e entrecortada; tenho a certeza de que o Ollie sabe porquê. Se o Damien tivesse selecionado a equipa legal da sua defesa, não seria incluído.

Ao menos tem a elegância de parecer envergonhado.

— Não — responde, e passa a mão pelo cabelo. As suas madeixas onduladas, regra geral rebeldes, foram penteadas para trás, e os seus dedos soltam algumas, que lhe caem no rosto, sobre os óculos à John Lennon. — O que havia eu de dizer ao Maynard? — pergunta-me. — Que o Stark não me quer por perto? Se lho disser, tenho de lhe explicar porquê. E, se o Stark não lhe revelou que te transmiti informação confidencial, não vejo nenhum motivo para ser eu mesmo a contar-lhe.

— Podias ter inventado uma desculpa — digo-lhe.

Ele assente devagar com a cabeça.

— Talvez. Mas tenho estado a trabalhar na defesa do Stark em Los Angeles. Tem sido a minha ocupação principal ao longo das últimas três semanas. Não estou aqui só por ter um contacto do outro lado, estou aqui porque compreendo a lei. Posso ser uma mais-valia, Nikki. E tu sabes, tão bem como eu, que o Damien precisa de toda a ajuda que possa receber.

Obrigamo-me a não lhe perguntar o que aquilo quer dizer. O Maynard está a par dos abusos a que o Damien foi sujeitado, disse eu tenho a certeza. Mas julgava que nem toda a equipa sabia disso. Será que o Ollie sabe? A ideia deixa-me indisposta, pois sei quanto o Damien deseja que esse aspeto do seu passado se mantenha privado. Contudo, não posso perguntar sem revelar os factos. Tudo o que posso fazer é esperar que o motivo pelo qual o Ollie não se encontra na reunião que decorre agora é não pertencer a esse círculo restrito.

— Vais sentar-te à mesa dos advogados? — pergunto, e fico aliviada quando ele abana a cabeça.

— Pensei que podia sentar-me ao teu lado. Se achares bem.

— Acho — respondo-lhe.

As coisas mudaram muito entre mim e o Ollie, mas ele tem estado presente na maioria das crises da minha vida e parece-me bem que também me acompanhe agora.

O seu sorriso é gentil quando pousa uma mão suave no meu ombro. A expressão que faz, contudo, é intensa.

— Mas estás bem? Quero dizer, não andas... sabes?

— Não — digo-lhe, sem o encarar. — Estou bem.

Inspiro fundo e combato a vontade de chorar, lamentando a perda daqueles tempos em que lhe teria contado tudo. Que acordo todos os dias à espera de ter de combater o impulso de me cortar e que todas as noites, quando me deito ao lado do Damien, fico impressionada ao dar-me conta de que a compulsão não surgiu. Não estou *curada*: sei que nunca vou estar. Vou sempre ansiar por essa dor para me concentrar. Vou sempre sentir-me um pouco atónita ao ultrapassar uma crise sem levar uma lâmina à pele. Mas agora tenho o Damien e é por ele que anseio. É o Damien quem me mantém concentrada e segura.

E isso, sei bem, é mais um motivo para ter medo de o perder.

— Nikki?

— A sério — digo-lhe, já a olhar para ele. — Nada de lâminas, nada de facas. O Damien cuida bem de mim.

Vejo a forma como ele estremece e, por um instante, arrependo-me das minhas palavras. Mas é uma fraqueza meramente momentânea. O Ollie tem tido um comportamento indecente quanto à minha relação com o Damien e, embora eu vá sempre adorá-lo, não vou perdoar ou esquecer isso com facilidade.

— Fico contente — diz ele, numa voz formal. — Vais ficar bem, sabes? Aconteça o que acontecer, vais ultrapassar isto muito bem.

Assinto com a cabeça, mas também reparo que ele disse que *eu* vou ficar bem: não se referiu ao Damien. E percorre-me uma centelha peculiar de raiva, eivada de tristeza, incitada pela simples verdade de que o Ollie já não compreende o que preciso. Se compreendesse, saberia que, sem o Damien, eu não ficarei bem. Nunca mais.

Temos estado a falar no átrio, a poucos metros das portas duplas de madeira que dão acesso à sala de tribunal. Agora o Ollie avança nessa direção e abre-me uma das portas. Hesito apenas por um segundo, a olhar para o fundo do corredor por onde o Damien e o Maynard seguiram, mas eles ainda não saíram da sala de reuniões. Inspiro fundo para ganhar coragem, obrigo os pés a mexerem-se e passo pelo Ollie, entrando na sala de tribunal onde se decidirá o rumo do resto da minha vida.

Apesar de a galeria já estar cheia de repórteres, que vieram assistir ao espetáculo do julgamento de Damien Stark, a área principal está vazia, à exceção de um homem fardado em sentido, o qual irá, presumo, escoltar o coletivo de juízes (três profissionais, dois leigos) para a sala de tribunal quando tudo estiver a postos.

Ao contrário do que acontece nos tribunais norte-americanos, aqui não há uma balaustrada a separar os visitantes da ação. Eu e o Ollie avançamos pelo corredor central em direção às fileiras de assentos atrás do banco das testemunhas. Enquanto vamos caminhando, o ruído na sala aumenta, pois os ocupantes sussurram entre si e viram-se para nos verem melhor. Apesar de não perceber quase nada de alemão, distingo o som do meu nome e do do Damien no meio do barulho. Concentro-me em andar em frente e em não dar meia-volta para esbofetear o repórter mais próximo de mim. Em não gritar àquela gente toda que isto não é entretenimento: está em jogo a vida de um homem. A minha vida. A nossa vida juntos.

Estou de costas voltadas para o público quando a sala se torna ainda mais ruidosa. Viro-me, certa do que vou ver e, de facto, as portas abrem-se e ali está o Damien à entrada, flanqueado pelo Maynard e por Herr Vogel, o seu principal advogado alemão; ambos pouco mais são do que vultos na minha visão. É o Damien que quero, é o Damien que vejo. E agora é o Damien que caminha direito a mim com uma confiança e um poder tais que sinto os joelhos a fraquejar.

Não há câmaras no tribunal, pelo que, quando o Damien me puxa para os seus braços para me beijar, sei que o momento não

será gravado. Mas não me importaria se fosse. Os meus braços passam-lhe à volta do pescoço, e eu agarro-me a ele, esforçando-me por não chorar e depois tendo de me esforçar para o largar, pois não posso abraçá-lo para sempre.

Ele liberta-me e dá um passo atrás, com o olhar ardente cravado em mim enquanto passa um polegar ao de leve pelos meus lábios.

— Amo-te — sussurro, e vejo as palavras refletidas nos seus olhos de duas cores. O seu sorriso, todavia, é triste.

O seu olhar desvia-se, e percebo que está a fitar o Ollie, atrás de mim, com uma expressão indecifrável. Passado um momento, cumprimenta-o com um aceno de cabeça e torna a concentrar-se em mim. Aperta-me a mão e de seguida vai-se sentar à mesa dos réus, ao lado dos advogados que já passaram por ele e abrem as pastas, tirando de lá documentos, ficheiros e outros acessórios necessários para o julgamento.

Subitamente exausta, deixo-me cair na cadeira. O Ollie senta-se a meu lado. Nada diz, mas ouço a sua pergunta silenciosa, pelo que me viro para ele com um sorriso ténue.

— Estou bem — digo-lhe, ao que ele acena com a cabeça.

Demasiado cedo para que possa recompor-me, os juízes entram na sala, e o processo tem oficialmente início.

Depois de o juiz presidente percorrer as questões preliminares, o procurador levanta-se. Começa a falar. Não sei alemão, mas posso imaginar o que estará a dizer. Descreve o Damien como um atleta jovem, ávido e competitivo. Mas mais do que um atleta pois, desde tenra idade, o Damien sempre foi estimulado pela ambição. Tinha queda para o negócio e uma paixão por ciência.

O que não tinha era dinheiro.

Oh, claro, começou a receber prémios monetários, mas quanto será suficiente para um jovem que sonhe construir um império? E não foi exatamente isso o que fez? Não é Damien Stark um dos homens mais ricos do planeta?

E como terá chegado a esse ponto? Como terá obtido esse primeiro milhão de dólares?

Terá patenteado algo na juventude, enquanto ainda competia no circuito do ténis? Terá convencido o pai, que lhe controlava os rendimentos, a investir o que ganhava com o ténis?

Ou terá herdado esse primeiro milhão do treinador que o formara? Que cuidara dele? Que se dedicara ao jovem?

E de que forma recompensou o Damien essa atenção e afeto? Viu o símbolo do dólar — e matou Merle Richter. Esse primeiro milhão foi dinheiro criminoso, alega o procurador. Dinheiro criminoso que o povo alemão exige agora que o Stark pague.

É essa a história e, sem que o Damien vá testemunhar para a contrariar, receio bem que seja convincente.

O procurador parece falar durante séculos. Observo os rostos dos juízes. Não têm um ar compassivo.

Quando termina, apercebo-me de que sangro de um joelho. Não me lembro de ter tirado uma caneta da mala, mas devo tê-lo feito, pois estive a enterrar a ponta na pele.

— Nikki? — A voz afligida do Ollie a meu lado.

— Está tudo bem — riposto. Lambo o dedo e tento esfregar aquele ponto de sangue e tinta. O Damien vai vê-lo e preocupar-se mais comigo do que consigo mesmo.

Enquanto o juiz fala, vejo o Maynard a conferenciar com Herr Vogel, que tem a reputação de ser um dos melhores advogados criminais da Baviera, se não de toda a Alemanha. É um homem sofisticado e experiente, e eu tenho ficado impressionada com ele, mas, agora que estamos em tribunal, não sei o que esperar e estou nervosa. Ele reúne os papéis, preparando-se para a sua altura de falar, quando o mais alto dos juízes profissionais aceita uma folha do seu assistente.

Ele lê-o, franze o sobrolho e depois fala num alemão velocíssimo antes de se levantar. Lança um olhar ao procurador e, de seguida, a Herr Vogel. Maynard volta-se para o Damien e, do sítio onde me encontro, vejo as linhas profundas do seu sobrolho franzido.

Não faço a menor ideia do que estará a passar-se e parece-me que o Damien também não saberá. Como se pressentisse os meus

pensamentos, vira-se. *O que foi?*, boquejo, mas ele limita-se a abanar a cabeça, não para me tranquilizar, mas por estar confuso.

Na tribuna, os juizes profissionais levantam-se, e os leigos seguem-nos. Não parecem satisfeitos.

O juiz mais alto aponta para Herr Vogel e para o procurador, dizendo mais umas quantas palavras em alemão. Volto a ficar na ignorância, mas, tendo em conta a rapidez com que aqueles dois se mexem para o seguir pela pesada porta de madeira para a sala privada do tribunal, dou-me conta de que algo importante se passa.

Sucedem-se momentos de tensão. O Maynard inclina-se e diz qualquer coisa ao Damien. Este abana a cabeça. Os observadores no tribunal mexem-se nos assentos e murmuram; sei que todos os olhares se concentram no Damien. Estou agarrada ao assento, como se morresse de medo de que, se não o segurar, ele se solte e desate a rodopiar para o espaço sideral. E também receio amolgar a madeira com os dedos por fazer demasiada pressão.

O tempo não tem nenhum significado para mim até que a porta torna a abrir-se. Sai o oficial de justiça. Fala com outro dos advogados alemães, que se inclina e sussurra qualquer coisa ao Maynard. Tento ler-lhe os lábios, mas é claro que não consigo. Vejo o Charles retesar-se, contudo, e também o meu corpo fica tenso. O Charles estende a mão e segura o cotovelo do Damien. Fala em voz baixa, mas lá distingo as palavras:

— Querem ver-nos em privado.

Engulo em seco quando o Damien se levanta e, sem pensar, estico a mão na sua direção. Não o vejo a mexer-se. Não o vejo a aproximar-se. Mas, por um brevíssimo instante, os seus dedos seguram os meus. Choques elétricos fustigam-me. Ele aperta-me os dedos, e os seus olhos fitam os meus.

Abro a boca para falar, mas não sei o que dizer. Estou assustada, tão assustada... Mas não quero que o Damien o perceba. Ele sabe, claro está, mas quero ser forte. Preciso de ser tão forte quanto ele me considera.

E depois afasta-se e atravessa a pesada porta de madeira para a sala dos juízes. Vai para onde não posso segui-lo, entra num mundo que não compreendo.

Tudo o que sei é que os julgamentos não costumam ser interrompidos desta maneira.

Tudo o que vejo é a expressão austera nos rostos dos juízes e o controlo inexpressivo nos olhos de Charles Maynard.

Tudo o que sei é que me levaram o Damien.

Tudo o que sinto é medo.

Ollie passou para a mesa dos réus, juntando-se à equipa de defesa. Sei que está a tentar descobrir o que se passa, mas a sua ausência faz-me sentir ainda mais perdida. Já se passou mais de uma hora. Estou sozinha e desesperada por informação. Pela primeira vez desde que vim para a Alemanha, sinto o que é estar num país estrangeiro, pois não compreendo o que se passa à minha volta.

A questão não é a linguagem, todavia. O facto de não falar alemão só exacerba a sensação. Todos os advogados alemães falam inglês fluentemente, e eu ouço o que estão a dizer ao Ollie. E o que estão a dizer é que não sabem mais do que eu. Todos passámos para o outro lado do espelho, e eu receio que o que encontraremos deste lado seja ainda pior do que o espetáculo que prevíamos.

Empurro a cadeira com as mãos, preparando-me para me levantar. Mas obrigo-me a permanecer sentada. Se me puser a andar de um lado para o outro, só vou atrair as atenções, e já reparei na quantidade de pessoas na galeria a fitarem-me, sussurrando umas às outras. Na ausência do Damien, sirvo de substituto. É um papel que em circunstâncias normais não me incomodaria, mas hoje não quero estar na berlinda.

Quando já tenho a certeza de que enlouquecerei se passar nem que seja mais um minuto sem novidades, a porta da sala dos juízes abre-se, e o grupo sai de lá em fila indiana. Os juízes profissionais são os primeiros a aparecer, de expressões indecifráveis.

Depois vêm o Maynard e Herr Vogel. Os juízes leigos seguem-nos, com o Damien na retaguarda.

Não sei bem quando me levantei, mas estou de pé quando os meus olhos encontram os do Damien. Tenho os punhos cerrados contra a saia e grito-lhe silenciosamente que me conte o que aconteceu. Ele permanece calado, e, ainda que lhe perscrute o rosto, nada na sua expressão me esclarece. Está completamente impávida.

Ele passa para trás da mesa dos réus, está somente a uns metros do sítio onde me encontro. O meu coração estremece, pois ele já não está a olhar para mim, e há uma vaga de frio a instalar-se em mim. Depois ele muda de posição, e o seu olhar torna a procurar o meu. Pestanejo para me livrar das lágrimas.

É mau, penso. Seja o que for, deve ser muito, muito mau.

O Damien desvia o olhar, e a minha premonição agourenta aumenta. Ele instala-se à mesa dos réus, e eu também me sento. Já há uma testemunha, um zelador, que o viu a discutir no terraço com o Richter antes de este ter caído e morrido. Será possível que exista outra testemunha? É a única coisa que me ocorre, e a preocupação consome-me.

Depois os juízes regressam à tribuna, e o Ollie à galeria. O juiz presidente ordena que se retome o processo no preciso momento em que o Ollie se senta a meu lado.

— Sabes o que está a acontecer? — sussurro.

— Não. — Ele tem o sobrolho franzido e um ar tão confuso como eu me sinto.

O juiz alto começa a falar num alemão lento e controlado e, embora Herr Vogel, o Maynard e o Damien se mantenham absolutamente imóveis, os outros advogados à mesa dos réus começam a agitar-se. Não estão a par do que foi dito atrás daquelas portas cerradas e, pelo que vejo, parecem prestes a explodir.

Atrás de nós, os espetadores na galeria começam a sussurrar. A tristeza que pairava sobre este espaço desvaneceu-se. Não compreendo como nem porquê, mas tenho a certeza de que algo chocante está a acontecer. Chocante, mas bom.

Olho de relance para o Ollie, com receio de estar a ver demasiado, mas ele corresponde ao meu olhar e levanta a mão. Está a fazer figas, e eu até tenho vontade de o beijar. Independentemente das suas desavenças anteriores com o Damien, neste momento está do lado dele. Está do *meu* lado.

E depois, subitamente, o juiz termina o discurso, levanta-se e sai da sala com os outros juizes atrás de si. Assim que a porta atrás deles se fecha, a sala de tribunal explode numa cacofonia tremenda, alguns vivos, alguns gritos, mas também protestos e assobios. Um dos advogados apieda-se de mim. Vira-se e fita-me.

— A acusação — diz ele, com um forte sotaque alemão. — A acusação foi anulada.

— Como? — pergunto, estupefacta.

— Acabou — diz o Ollie, puxando-me para um abraço. — O Damien pode ir para casa.

Quando me solta, eu fico a olhar para ele, com o corpo gelado, tal é o choque que sinto. Tenho medo de acreditar nisso. Tenho medo de não ter ouvido bem e de que alguém vá dizer-me que fiz confusão, que o julgamento já vai recomeçar.

Viro-me para o Damien, mas ele continua de costas voltadas para mim. Agora é o procurador que está à frente dele, a falar com grande veemência mas num tom tão baixo que não distingo as palavras. O Maynard encontra-se ao lado do Damien, com a mão nas costas dele, num gesto quase paternal.

— É verdade? — pergunto ao advogado alemão. — Está mesmo a falar a sério?

O seu sorriso é rasgado, mas os seus olhos mantêm-se gentis, compreensivos.

— É verdade — confirma ele. — Não brincaríamos com uma coisa destas.

— Não, claro que não. Mas porquê? Quero dizer...

No entanto, ele vira-se para responder a outro advogado. Depois vejo que o procurador se afastou do Damien, ao que uma vaga de pura alegria me acomete, e já não quero saber como nem porquê.

— Damien — chamo-o, numa voz ligeira. O seu nome é uma delícia nos meus lábios, e quero guardar este momento para sempre. Este instante singular em que recuperei o homem que receava ter perdido.

Ele começa a virar-se, e imagino como será a sua expressão quando lhe vir o rosto. Os olhos animados, as feições sem a preocupação que as têm carregado desde que a acusação foi pronunciada.

Porém, não é isso que vejo. Em vez de calor, vejo gelo no seu olhar. E não há alegria alguma na expressão dele. Ao invés, está apagada, fria e desolada.

Franzo o sobrolho, confusa; levanto-me e acorro ao seu encontro.

— Damien — chamo-o, estendendo as mãos para as suas. Os seus dedos apertam os meus com força, como se eu fosse um salva-vidas em águas revoltas. — Oh, meu Deus, Damien. Acabou.

— Sim — diz ele, mas com uma aspereza na voz que me provoca um arrepio. — Acabou.

O Damien dá-me a mão, mas, durante a viagem de regresso ao hotel, nada diz. Penso que se encontra em estado de choque. Provavelmente, não consegue acreditar que o pesadelo terminou de facto.

Estamos sozinhos: os advogados ficaram, para tratarem das questões administrativas a que é necessário atender quando um julgamento chega ao fim; só posso imaginar que haverá ainda mais a fazer quando esse fim é inesperadamente prematuro. Deixo o silêncio prolongar-se até estacionarmos em frente ao hotel, mas depois não aguento mais.

— Damien, acabou. Não estás contente por isso? — Estou à beira de explodir de alegria, só por saber que o Damien está livre e a salvo.

Ele fita-me e, por um instante, mantém-se inexpressivo. Depois o seu rosto ilumina-se com o seu sorriso, que, apesar de não ser imenso, é real.

— Sim — responde. — Quanto a isso, não poderia estar mais feliz.

— Quanto a isso — repito, confundida. — Que mais há? O que se passa? Por que motivo desistiram da acusação?

Agora, porém, o arrumador abriu a porta, e o Damien desliza para sair do carro. Resmoneio uma imprecisão e sigo-o. Ele estende a mão para me ajudar e entrelaça os dedos nos meus, enquanto percorremos a curta distância até à entrada do hotel.

Estou tão embrenhada na minha tempestade de alegria e confusão que demoro um pouco a aperceber-me de que a entrada está ladeada de repórteres e de que o pessoal do hotel fez uma barreira humana para que possamos passar.

O Damien estava no centro das notícias por ir ser julgado por homicídio. Agora que essa acusação foi retirada, a notícia ainda é maior.

O *concierge* recebe-nos com uma pilha de mensagens que aceito em lugar do Damien, o qual parece por demais desinteressado. São felicitações, a que o próprio *concierge* junta as suas. O Damien responde educadamente, agradece ao homem e depois leva-me para o elevador.

— Tinha pensado que podíamos passar pelo bar para tomarmos um copo — digo-lhe. É mentira. Não tinha pensado nada disso. No entanto, tento obter alguma reação do Damien, enquanto me odeio por fabricar um cenário em que ele terá de fazer uma escolha.

— Vai tu, se queres.

— Sozinha? — Sinto uma gota de suor a escorrer-me desde a axila. Começo a entrar em pânico.

— O Ollie não deve demorar. Aposto que terá todo o gosto em beber um copo contigo.

— Eu não quero beber um copo com o Ollie — digo eu, orgulhosa de mim mesma por manter a calma na voz, quando tudo o que me apetece é gritar. Porque o Damien que, de livre vontade, me deixaria a tomar um copo com Ollie McKee não é o Damien que eu conheço e amo. Dou um passo para me aproximar mais dele. — Damien, por favor, diz-me o que se passa.

— Só preciso de ir para o quarto.

O elevador chega, e, como que para provar o que diz, o Damien entra.

Sigo-o e franzo o sobrolho ao observar-lhe o rosto. Pela primeira vez, vejo as gotas de transpiração na sua testa. Os olhos raiados de sangue e a pele pálida como cera.

— Meu Deus, Damien — exclamo, estendendo a mão para a encostar à sua testa enquanto o elevador nos leva para a Suíte Presidencial.

Ele afasta-se.

— Não tenho febre.

— Então, que raio se passa?

Por um instante, ele nada diz. Depois encolhe devagar os ombros enquanto inspira fundo.

— Estou só irritado.

— Irritado? — Ouço a minha voz a elevar-se e obrigo-me a controlar o tom. — Por a acusação ter sido retirada?

— Não. Não é por causa disso.

A porta do elevador abre-se, e sigo-o para o corredor, parando diante da porta da nossa suíte.

— Então, porquê? — pergunto-lhe enquanto ele passa o cartão para abrir o trinco. O meu discurso parece invulgarmente calmo. — Raios, Damien, fala comigo. Conta-me o que aconteceu hoje.

A luz fica verde, e ele abre a porta para entrar na suíte. Não sei se é real ou apenas imaginação minha, mas parece inseguro ao caminhar, como que receoso de que o chão desapareça sob os seus pés. Nunca o vi assim, e ele começa a assustar-me.

Bem pode dizer que está irritado, mas não acredito. Quando o Damien se irrita, explode. Cresce aquele famoso mau feitio, e ele controla o ambiente que o rodeia. Raios, controla-me *a mim*.

Mas, neste momento, parece que o controlo lhe escapa por entre os dedos como areia. Aquilo não é estar irritado: é estar praticamente arrasado, com mil demónios. E eu estou muitíssimo, terrivelmente assustada.

— Damien — repito. — Por favor...

— Nikki...

Ele puxa-me para si e, embora isso me sobressalte, quase choro de alegria. *Sim*, penso. *Beija-me, toca-me, usa-me*. O que quer que ele precise, eu dar-lho-ei. E ele sabe-o: raios partam, sabe isso perfeitamente.

Mas nada fez. Nada, além de enfiar os dedos no meu cabelo e segurar-me com força.

— *Damien*. — O nome parece ter-me sido arrancado, faço força para levantar a cabeça e esmago os lábios contra os dele num beijo intenso. Ele responde de imediato, com a boca dura e exigente sob a minha, as mãos na minha nuca a aproximarem-me mais. O beijo é brutal. Violento. Os nossos dentes embatem, morde-me o lábio, sinto o sabor a sangue e não me importa. Pelo contrário, sinto-me a planar, elevada pela paixão do seu toque, pelo desejo que flui nele.

O seu corpo está duro contra o meu, e uma mão desceu para me agarrar o traseiro. Puxa-me com força contra si, e sinto-lhe a ereção a empurrar as calças. Roço-me nele, quase a derreter-me com o alívio escaldante que ferve dentro de mim. *Ele está de volta*, penso. *Ele está de volta*.

Porém, não passa de uma ilusão, pois de repente empurra-me, de olhos selvagens e perdidos, respiração ofegante. Estende a mão para se amparar no espaldar de uma cadeira e desvia o rosto. Mas é demasiado tarde, já vi demasiado, e o que vi no seu olhar foi horror.

Fico paralisada, não de medo, mas por perceber que, neste momento, estou impotente. Ele cerrou alas comigo do lado de fora, e eu não sei como voltar a entrar.

— Não — sussurro. É a única palavra que consigo dizer e mesmo essa tem de ser obrigada a sair-me pelos lábios.

Acho que vai ignorar-me, mas ele olha para mim, e eu arquejo ao ver a palidez cinza da sua pele. Vou de imediato para o seu lado. Passo-lhe a palma da mão pela face. Tem a pele fria e pegajosa.

— Vou chamar o médico do hotel.

— Não.

Ele olha-me, e vejo dor no seu olho ambarino, mas o preto está tão vazio e distante como a noite. Aproxima-se do sofá e senta-se, de cotovelos nos joelhos e a testa sobre as mãos.

— Damien, por favor. Não podes dizer-me o que se passa? Não podes falar comigo?

Ele não se mexe.

— Não.

A palavra tão simples atravessa-me, não rápida e afilada como aço, mas antes quente, romba e brutal. Uma lâmina serrada sobre pele não preparada. *Eu podia fazer isso, penso. Bastava um movimento rápido. Podia fazê-lo e seguir a dor até aqui. Até ao Damien. Preciso da âncora. Preciso...*

Não!

Estremeço e desvio o olhar; se ele levantar a cabeça, não quero que veja a direção que tomaram os meus pensamentos. Não quero que veja o esforço necessário para não me mexer. Para não correr para a casa de banho e revirar a sua bolsa com os produtos de barbear. Para não tirar a capa de segurança da sua navalha e retirar a lâmina, tão pequena mas tão afiada. Tão tentadora...

Concentro-me na respiração: em encontrar o meu âmagô. Tenho vindo a contar com a força do Damien e agora não posso deixar de duvidar de que alguma vez volte a ser capaz de fazê-lo sozinha.

Ele muda de posição no sofá, deita-se de costas, mas mantém os olhos abertos e estende-me uma mão. Ajoelho-me a seu lado, segurando-lhe a mão com força, sentindo o coração a ponto de rebentar. Estou aterrorizada: morro de medo de que a felicidade seja apenas passageira e de que o universo esteja neste momento a autocorrigir-se, a transformar a história do nosso romance numa tragédia.

— Amo-te — digo, numa voz quase desesperada. O que quero dizer é: *Estás a assustar-me.*

Ele puxa-me a mão e beija-me os nós dos dedos ao de leve.

— Vou fazer uma sesta. — Tem as pálpebras pesadas.

— Sim. Claro.

É uma desculpa que faz sentido, e apresso-me a aceitá-la. Afinal, não descansámos grande coisa na noite passada, e sei que ele não dormiu bem nem sequer depois de termos voltado. Sei-o porque eu também não e, de cada vez que acordava, ele ou estava desperto a fitar o teto ou às voltas na cama. Só se acalmava quando me abraçava.

É essa memória que me tranquiliza. Não sei o que se passa com ele neste instante, mas, no fundo, sei que precisa tanto de mim como eu dele.

Aperto-lhe a mão antes de a soltar. Tiro-lhe os sapatos e depois tapo-o delicadamente com um cobertor. Os seus olhos já estão fechados, o seu peito sobe e desce ao ritmo da respiração.

Começo a sair da sala em bicos de pés, dirigindo-me para o quarto, mas, ao fazê-lo, ouço a vibração conhecida do seu telemóvel. Com uma maldição, corro de volta para o sofá, pois não quero que o telemóvel o acorde.

Encontro-o no bolso interior do casaco dele e tiro-o. Não reconheço o número e carrego no botão para atender, com a intenção de tomar nota do recado.

— Fala do telemóvel de Damien Stark — digo em voz baixa, a afastar-me para não o acordar. Ouço algo que me parece uma ins-piração rápida, e depois mais nada. — Estou?

Segue-se apenas o silêncio morto de uma chamada desligada. Franzo um pouco o sobrolho, mas não me demoro a pensar nisso. Tiro-lhe o som e deixo o telemóvel na mesa, onde ele poderá encontrá-lo facilmente.

Vou para o quarto e dispo o conservador fato *Chanel* que escolhi para usar no tribunal. Mudo para um vestido amarelo-vivo, esperando que a cor animada me melhore o estado de espírito. Mantenho a gargantilha de pérolas, levando os dedos ao acessório enquanto me recordo da textura das pontas dos dedos do Damien ao colocar-mo ao pescoço nessa manhã. Deito-me na cama, mas o sono não vem e a minha disposição não está a melhorar. Por fim, não aguento mais. Preciso de respostas e só me ocorre uma forma de as obter.

Saco do meu telemóvel e mando uma mensagem de texto: *É a Nikki. Temos de falar. Aqui no hotel? Podemos encontrar-nos?*

Contenho a respiração enquanto espero pela resposta, esperando que ele responda em vez de ignorar o meu pedido. Passa-se tanto tempo que começo a pensar que é mesmo isso que ele vai fazer. Depois a resposta chega, e o meu corpo cede de alívio.

Quarto 315.

Reúno as minhas coisas e apresso-me a ir para o elevador. Quero chegar lá antes que ele mude de ideias. Diante das portas dos elevadores, vou carregando várias vezes nas setas para descer, apesar de a luz já estar a pulsar. Por fim o elevador aparece, e junto-me a um casal de adolescentes, um ao lado do outro, tanto ele como ela com uma mão no bolso traseiro das calças de ganga do outro. A visão faz-me sorrir e desvio o olhar, temendo que aquela simples demonstração pública de afeto me faça chorar.

Saio antes deles, no 3.º andar, e demoro um pouco a orientar-me. Depois viro-me e apresso-me corredor fora até estar diante da suíte 315. Bato à porta e espero, suspirando de alívio quando Charles Maynard a abre e me convida a entrar.

— Obrigada por me receber — digo-lhe. — O Damien está... bem, está a dormir. — Trata-se de um eufemismo para «está arrastado», e acho que o Maynard o sabe.

Aponta para o sofá.

— Sente-se. Ofereço-lhe uma bebida? Tinha acabado de chegar quando me enviou a mensagem. Estava a pensar mandar vir um almoço tardio.

— Não, obrigada — respondo enquanto ele se aproxima do bar e se serve uma dose generosa de uísque.

— Deve estar aliviada — diz ele, o que deve ser a coisa mais ridícula que alguma vez me disseram.

— Claro que estou — riposto, mais irritada do que pretendia. Ele lança-me um olhar de relance, por cima da garrafa de uísque.

— Desculpe. Foi um comentário condescendente.

Os meus ombros abatem-se.

— Vim ter consigo porque não compreendo o que aconteceu. E preciso de saber. Preciso de saber porque o Damien...

Mas não consigo terminar a frase. Não posso dizer — nem sequer a este homem que conhece o Damien desde a infância — que, por algum motivo, parece que este não-julgamento deu cabo dele.

Ao mesmo tempo, não posso ir-me embora. O Maynard é a única hipótese que tenho de obter respostas, e não posso deixar este quarto sem obter algumas.

Por isso espero, e o único som entre nós é o do zumbido do ar condicionado. Receio que o Maynard nada diga e que eu tenha de lhe contar que o Damien entrou no hotel como um morto-vivo. Que agora está a dormir no sofá. Que parece em estado de choque, como alguém acabado de participar numa batalha.

Não quero dizer-lhe porque, de certa forma, sinto que trairia o Damien se o fizesse. Damien Stark não é um homem que demonstre fraqueza, e o facto de ma ter revelado é só mais uma prova de que confia em mim. Não posso trair essa confiança. Mas isso deixa-me como que amordaçada, sem poder explicar por que vim até aqui.

O Maynard, graças a Deus, vem em meu auxílio.

— Ele está feito um caco, imagino?

— O que aconteceu ali? Porque é que o caso foi anulado?

O Maynard fita-me por um instante, e percebo que está a ponderar se deve ou não contar-me.

— Por favor — peço-lhe. — Charles, preciso de saber.

Passa-se mais um momento, e ele depois acena com a cabeça. É um movimento único e rápido, mas que parece mudar tudo. Sinto-me mais leve. Respiro com mais facilidade. Inclino-me para a frente, já sem medo do que ele vá dizer-me, precisando apenas de ouvir a verdade.

— O tribunal recebeu fotografias e vídeos — diz o Maynard. — Foi isso o que aconteceu depois da declaração inicial. O motivo para a conferência privada. As imagens foram mostradas às equipas do procurador e da defesa. À luz dessas provas, o tribunal decidiu anular a acusação.

— O tribunal? — pergunto eu. — Pensava que era sempre o procurador que decidia quem era julgado.

— Isso é o que acontece nos Estados Unidos — explica-me. — Na Alemanha, a decisão final cabe ao tribunal, e tanto o procurador quanto a equipa de defesa apresentaram argumentos a favor da decisão de anular o julgamento.

Aceno com a cabeça, sem estar grandemente interessada nos pormenores de *quem* tinha o poder necessário para libertar o Damien. Ainda estou curiosa quanto ao *porquê*.

— Muito bem — respondo num tom tenso. — Então diga-me o que revelam as fotos e os vídeos.

O Maynard concentra-se nas folhas em cima da mesa de apoio e estica-se para as ordenar.

— Exatamente aquilo sobre o qual o Damien não queria testemunhar. Coisas que queria manter privadas. — Olha para mim. — Não me peça que lhe conte mais, Nikki. Dizer-lhe isto já é pisar os limites éticos.

— Compreendo.

Custa-me a fazer com que as palavras ultrapassem o nó de lágrimas que se formou na minha garganta. Não sei ao certo o que constará naquela imagens, mas tenho uma ideia geral. E entendo por que razão vê-las poderia destroçar o Damien.

Levanto-me, pois neste instante tudo o que quero é regressar para junto dele. Abraçá-lo, acariciá-lo e dizer-lhe que tudo vai ficar bem. Que mais ninguém sabe.

Ocorre-me então um pensamento horrível.

— O tribunal vai divulgar essas coisas?

O Maynard abana a cabeça.

— Não — garante com firmeza. — O Damien ficou com o duplicado, e o tribunal ordenou que o ficheiro fosse selado.

— Bom. — Dou um passo em direção à porta. — Obrigada por me ter contado.

— Dê-lhe tempo, Nikki. Foi um choque, mas isto não altera nada. Naquelas fotografias só havia coisas que pertencem ao passado.

Assinto com a cabeça, sentindo o coração a partir-se pelo rapazinho que teve de passar por esse pesadelo.

— Obrigada — torno a dizer, antes de sair para o corredor e fechar a porta. Inspiro profundamente e encosto-me à porta. Percorro-me um estremecimento, e deixo-me cair no chão, pois as pernas já não me suportam. Pouso a testa nos joelhos, envolvo as pernas com os braços e choro.

Não admira que o Damien esteja destroçado. A única coisa no mundo inteiro que ele não queria que se soubesse caiu do céu como um meteorito e atingiu-o na cabeça. E sim, as fotos agora estão seladas, mas os juízes viram-nas, os advogados viram-nas. E havia alguém que as tinha. E essa pessoa ainda deve ter cópias.

Merda.

Preciso de ir ter com ele. Preciso de o abraçar e de lhe dizer que vai tudo correr bem, pelo que me levanto e avanço lentamente até ao elevador. Carrego na seta para subir, chamando o elevador que me levará de volta à suíte; depois amaldiçoo o meu egoísmo. *Eu* preciso de ir ter com ele? *Eu* preciso de o abraçar? O que o Damien precisa é de descansar: ele próprio mo disse. O que eu quero, o que eu preciso, pode esperar.

Com uma brutalidade quase dolorosa, espeto o dedo no botão de descer, mas não quero esperar. Preciso de me mexer e, se não for em direção ao Damien, então que seja para outro lado. Mudo de posição no corredor, de súbito a sentir-me perdida. Ao fundo, um sinal iluminado indica as escadas. Apresso-me a ir para aí e descalço-me. Seguro os sapatos pelos tacões e desço os três lanços de escadas a correr. Sabe-me bem — parece-me a coisa certa a fazer — e, quando chego ao fundo das escadas, torno a calçar-me e avanço para o átrio.

Não sei bem o que pretendo fazer. Tem sido um dia tão comprido, e eu estou a sentir-me tão cansada que acho que o sol a brilhar pelas janelas do hotel deve ser uma anomalia. Contudo, a tarde ainda está no início, e é um lindo dia de verão.

Viro-me para a porta, mas sou parada pela vibração do meu telemóvel. Tiro-o da carteira, esperando que seja o Damien.

É uma mensagem de texto do Ollie. *Vira-te.*

Assim faço. Está atrás de mim, a poucos metros da entrada do bar. Ergue a mão e acena.

Contrafeita, sorrio e correspondo ao aceno.

Ele levanta o telemóvel, e vejo-o a digitar outra mensagem. Um segundo depois, o meu telemóvel vibra.

Olá, minha senhora. Será que posso oferecer-lhe uma bebida?

Não consigo evitá-lo: rio-me. *Um bocadinho cedo para isso, não?*, escrevo, mas a mensagem não é enviada porque o telemóvel morre. *Merda.* Apercebo-me de que ontem à noite me esqueci de o pôr a carregar quando voltámos do lago.

Levanto-o para que o Ollie possa vê-lo e depois, com um gesto exagerado, seguro-o entre dois dedos e deixo-o cair na bolsa, como se me livrasse de uma coisa inútil e ligeiramente nojenta. Depois começo a caminhar na sua direção. Ele avança para o bar e, quando entro, vejo que já se sentou. O empregado aproxima-se e pousa um martíni em frente ao Ollie e um uísque com gelo à minha frente.

— Obrigada — digo, dirigindo-me tanto ao empregado quanto ao Ollie. — É um bocadinho cedo.

— Não parece — diz ele. — Hoje não.

Bebo um gole.

— Pois não — concordo. — Não parece.

Ele mexe o martíni com o palito que tem uma azeitona.

— Estou satisfeito por o Stark estar a salvo. A sério. Juro.

Observo-lhe o rosto, pois não compreendo de onde vem esta conversa. Mas é como um raio de luz acolhedora no meio de um dia merdoso que deveria ter sido maravilhoso. Por isso, faço a única coisa que posso fazer: sorrio e agradeço-lhe.

— Calculava que estariam trancados no quarto a celebrar — comenta ele.

— O Damien está a dormir.

— Deve estar exausto — diz o Ollie. — Eu estou. Foi uma aventura e tanto.

Estamos a fazer conversa de circunstância, coisa que não suporto.

— Sabes? — pergunto-lhe. — Sabes por que anularam a acusação?

Ele inclina a cabeça e estuda-me.

— Queres mesmo que atravesse essa linha?

Penso nisso. Em quão destroçado o Damien parece estar. Tenho-me recusado ouvir o que o Ollie tinha a dizer acerca do Damien, mas agora receio que, sem saber o conteúdo daquelas fotos, não possa ajudá-lo.

— Sim — respondo com assertividade. — Quero saber.

Ele expira ruidosamente.

— Oh, raios, Nikki. Não sei. Desta vez, não posso mesmo dizer-te nada. Lamento.

A onda de irritação que espero não chega. Em vez disso, sou inundada por alívio. Não quero que o Ollie saiba o que quer que se encontre naquelas fotografias.

— Não faz mal — digo-lhe, e depois fecho os olhos. — Não faz mal.

Ele bebe um grande gole de martíni.

— Então, queres ir fazer um almoço tardio? Passar algum tempo comigo? Inventar conversas entre as pessoas das outras mesas?

O meu sorriso é trémulo. Parte de mim quer aceitar — quer tentar resolver o que quer que tenha corrido mal entre nós. Mas a outra parte...

— Não — respondo, a abanar a cabeça. — Ainda não estou pronta.

Os músculos do seu rosto parecem retesar-se no que talvez seja um esgar.

— Muito bem — diz ele. — Não há problema. Fazemos isso quando voltarmos. — Passa a ponta do dedo pelo rebordo do copo, num gesto ocioso. — Então, tens falado com a Jamie?

— Nem por isso — admito. — Tenho andado preocupada.

— Não duvido. Ela contou-te que o cretino do Raine fez com que ela fosse despedida do anúncio?

Os meus ombros abatem-se.

— Merda — sussurro. — Quando?

— Logo depois de teres vindo para cá.

— Ela não me contou. — Eu sei que não quis incomodar-me com aquilo enquanto tínhamos de enfrentar o julgamento do Damien, mas não deixo de sentir que, enquanto melhor amiga, meti a pata na poça. — Então, e como é que ela está? — pergunto. — Tem ido a audições? Terá conseguido mais alguma coisa?

— Não sei. Desde então que não a vejo. Ando a manter-me longe de tentações — afirma ele, sem me fitar os olhos.

— Não deveria haver tentações — digo-lhe. — Se a Courtney for realmente a tal.

— Isso é mesmo verdade? — Lança-me um olhar intenso. — Ou não passa de um mito romântico?

— É verdade — digo eu, com uma imagem do Damien bem junto ao coração. — É a coisa mais verdadeira do mundo.

— Talvez tenhas razão — diz ele, e sinto um aperto no peito, pois essas palavras não deveriam entristecê-lo. Sobretudo estando prestes a casar-se.

Ele abana a cabeça, como se se livrasse de teias de aranha, e bebe o resto do martíni.

— Vou deitar-me na cama, fechar os olhos e sentir a terra a girar. E tu?

Penso no Damien. Se voltar para o quarto, vou querer tocar-lhe, nem que seja para me assegurar de que ele está ali e é real. Mas ele precisa de dormir e, neste momento, isso é a única coisa que posso proporcionar-lhe.

— Vou sair — digo-lhe. — Estou a precisar de fazer alguma terapia com compras.

J. Kenner

Top 10 das autoras de literatura erótica mais populares da Amazon

O nosso desejo é profundo,
mas os segredos espreitam...

Belo, forte e poderoso, o Damien Stark preenche um vazio em mim como nenhum outro homem alguma vez preencheu. Os seus desejos impetuosos levam-nos para lá do mais doce êxtase e libertam uma paixão selvagem que nos consome a ambos.

Mas sob a sua necessidade de domínio, ele carrega consigo feridas de um passado doloroso. Assombrado por uma herança de segredos obscuros, o Damien procura a libertação na partilha do nosso desejo ardente, que a cada dia queima com mais intensidade.

A nossa atração é inquestionável, a nossa obsessão, inevitável. Só que nem mesmo o Damien consegue fugir dos seus fantasmas ou proteger-nos dos perigos que se aproximam.

«A conclusão da trilogia *Stark* retoma uma intensa paixão naquela prosa sensual e tensa a que J. Kenner já habituou os seus leitores. As revelações súbitas aumentam a emoção do final desta série, atingindo, por fim, um pico febril.»

RT BOOK REVIEWS

Conheça os outros livros
da trilogia *Stark*:



Veja o vídeo de
apresentação
deste livro.

www.topseller.pt



TOPSELLER
livros que se devoram

20|20 editora

ISBN 978-989-8626-45-5



9 789898 626455

Ficção erótica